



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Julio Cesar da Silva Bispo

**Estudo dos anos de experimentação esportiva de jovens futebolistas
brasileiras**

Florianópolis – SC
2026

Julio Cesar da Silva Bispo

**Estudo dos anos de experimentação esportiva de jovens futebolistas
brasileiras**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teoria e Prática Pedagógica.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Borges
Coorientador: Prof. Dr. Michel Milistetd

Florianópolis - SC
2026

Bispo, Julio Cesar da Silva

Estudo exploratório dos anos de experimentação esportiva de jovens futebolistas brasileiras: um es / Julio Cesar da Silva Bispo ; orientador, Paulo Henrique Borges, coorientador, Michel Milistetd, 2026.

106 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Física, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Ensino de Física. 2. Futebol Feminino. 3. Trajetória esportiva. 4. Formação Esportiva. I. Borges, Paulo Henrique. II. Milistetd, Michel. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Física. IV. Título.

Julio Cesar da Silva Bispo

**Estudo dos anos de experimentação esportiva de jovens futebolistas
brasileiras**

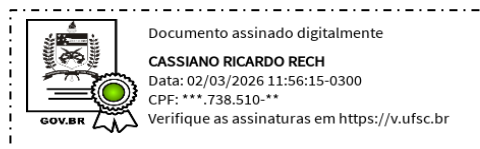
O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Paulo Henrique Borges, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

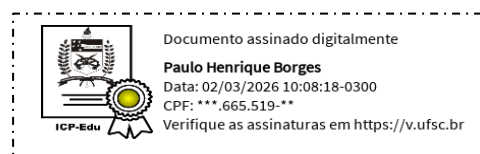
Prof. Anderson Santiago Teixeira, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Lenamar Fiorese, Dra.
Universidade Estadual de Maringá

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Educação Física.



Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Prof. Paulo Henrique Borges, Dr.
Orientador(a)

Florianópolis – SC, 2026

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo a Deus por guiar e acompanhar toda a minha jornada. Agradeço também à minha família, aos amigos e aos colegas pelo companheirismo e apoio ao longo deste período de formação. Ser ingrato é um dos meus maiores receios na construção deste texto; por isso, registro aqui minha sincera gratidão a todos que colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização deste processo formativo.

De maneira especial, agradeço aos meus pais, Ângelo Marcio Bispo e Ana Paula Santos da Silva, por sempre acreditarem em mim e me apoiarem incondicionalmente, pelo amor, carinho, conselhos e abraços que foram fundamentais em todos os momentos. Ao meu irmão, João Vitor da Silva Bispo, agradeço pelo apoio e companheirismo ao longo dessa caminhada. Às minhas avós, Maria da Conceição Bispo e Ivonete Bispo, agradeço pela presença constante e pelo cuidado. À minha madrinha, Noemia Maria, e aos demais familiares, deixo meu agradecimento pelo apoio contínuo e pela colaboração com a minha formação.

Aos meus amigos de Jacobina: Valdinei de Freitas, Daniel Braz, Isabela Vitorino, Helena Miranda, Ângela Lopes, Ana Flavia Melo, Mauro Rodrigues, Arthur Diney, Raquel Carvalho, Clarisse Guerrera, Brenda Rios, Airlly Layara, Henrique Brito, Wesley Nunes, Tayná Nery, Kariane Menezes, Samara Carvalho, Guilianne Silva e Vani Elen Ferreira, agradeço por estarem sempre presentes, acompanhando e torcendo por cada etapa da minha trajetória. Agradeço também aos amigos e colegas que a UFSC me proporcionou: Me. Jean de Souza, Me. Paulo Vitor de Souza, Me. Lucas Shoiti, Me. Mariana Boneli, Me. Gabriéli Rist, Dr. Willen Tozetto, João Gabriel de Paula, Alexia Lamarca, Bruno Bento, Breno Monteiro, Maria Eduarda Binda, Rafael Rodrigues, Me. Paulo Sandi, Me. Cristiano Zarbato, Me. Silvia Simoni, Me. Elisa Oliveira, Rafaela Ehlers, Samuel Meneses, Giovana Benneman, Pedro Vilela e Gustavo Muniz, que tornaram esse processo mais leve, humano e prazeroso.

Expresso meus agradecimentos ao Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento do Futebol e do Futsal (NUPEDEFF/UFSC), representado pelos professores Dr. Michel Angillo Saad, Dr. Juliano Fernandes da Silva, Dr. Anderson Santiago Teixeira e Dr. Paulo Henrique Borges, pela acolhida e orientação ao longo deste processo de formação. Vinculado ao NUPEDEFF, agradeço ao Centro de Desenvolvimento do Futebol e do Futsal, bem como a todos os clubes e atletas que colaboraram com o desenvolvimento desta dissertação. Estendo meus agradecimentos ao Núcleo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte (NuPPE), coordenado pelo professor Dr. Michel Milistetd, pela oportunidade de participação e aprendizado proporcionados nas reuniões quinzenais.

Agradeço, ainda, aos professores que foram fundamentais para que eu chegasse até aqui, com destaque especial para a professora Dra. Laura Emmanuela, minha orientadora nos dois primeiros anos da graduação, que me aconselhou e guiou de forma decisiva nesse percurso, e para o professor Dr. Angelo Amorim, com quem construí uma relação muito próxima e que me auxiliou em questões que ultrapassaram os aspectos acadêmicos, contribuindo sobretudo para meu desenvolvimento humano e comportamental.

Agradeço ao meu coorientador, Dr. Michel Milistetd, por toda a colaboração e apoio ao longo deste processo formativo. Por fim, expresso minha profunda gratidão ao meu orientador, Dr. Paulo Henrique Borges. Não há palavras que consigam expressar a admiração e o respeito que tenho pelo senhor. Obrigado por tornar sonhos possíveis e por contribuir de maneira tão significativa para a minha formação acadêmica e humana.

RESUMO

No contexto do futebol feminino, a compreensão das experiências esportivas vivenciadas durante a infância e a adolescência tem sido apontada como um fator central para o desenvolvimento esportivo das atletas. Assim, compreender como se configuram essas experiências iniciais e os contextos de prática associados torna-se fundamental para subsidiar processos de formação mais equitativos e orientados ao desenvolvimento a longo prazo. Desse modo, o objetivo geral desta dissertação foi analisar as experiências esportivas das jogadoras de futebol da região Sul do Brasil, através da construção e reunião das evidências de validade do QEEF-Fem com ênfase nos anos de experimentação esportiva e nos contextos de prática associados ao desenvolvimento das atletas. Definido enquanto um estudo descritivo do tipo exploratório, através de característica psicométrica. Esse trabalho foi organizado no formato de coletânea de artigos, sendo constituído por dois estudos complementares. O primeiro artigo teve como objetivo desenvolver e reunir evidências de validade de um instrumento psicométrico destinado à avaliação da fase de experimentação esportiva de jovens jogadoras de futebol feminino, fundamentado nas engrenagens do *Personal Assets Framework* (PAF). O processo de construção envolveu etapas de validade de face, validade de conteúdo, validade de construto, confiabilidade e consistência interna dos itens. Participaram dessa etapa 391 atletas, com idades entre 12 e 17 anos, vinculadas a equipes filiadas às federações estaduais da região Sul do Brasil. O segundo artigo consistiu em um estudo original de caráter descritivo, cujo objetivo foi caracterizar o contexto de prática nos anos iniciais da trajetória esportiva de jovens jogadoras de futebol brasileiras, bem como analisar a relação entre variáveis da trajetória esportiva e dimensões psicossociais à luz do PAF. Os dados foram coletados por meio do instrumento validado no primeiro estudo, possibilitando a análise retrospectiva das experiências esportivas vivenciadas entre os 6 e 12 anos de idade. Os resultados indicaram que as atletas iniciaram o treinamento formal em média aos $8,80 \pm 2,64$ anos e competições aos $10,83 \pm 2,23$ anos, acumulando $6,13 \pm 2,60$ anos de experiência esportiva. A infância foi marcada por perfil multiesportivo (média de $4,55 \pm 2,77$ modalidades), com predominância de futebol (92,3%) e futsal (86,4%). A diversidade de modalidades praticadas associou-se positivamente ao Engajamento Pessoal (EP) (OR = 1,48; IC95%: 1,16–1,89; pHolm = 0,023), e a idade também apresentou associação positiva com EP (OR = 1,27; IC95%: 1,10–1,49; pHolm = 0,007). Indicando que as trajetórias esportivas das jogadoras são marcadas por elevada diversidade de experiências na infância, com predomínio de atividades de jogo deliberado, forte influência do contexto familiar e fragilidades estruturais nos ambientes institucionais de formação. Os achados reforçam a importância de instrumentos sensíveis ao contexto sociocultural do futebol feminino brasileiro e apontam para a necessidade de modelos de desenvolvimento que valorizem a diversificação de experiências, a autonomia das atletas e a qualificação dos ambientes de prática desde as fases iniciais da formação esportiva.

Palavras-chave: trajetória esportiva; futebol feminino; desenvolvimento esportivo.

ABSTRACT

In the context of women's soccer, understanding the sporting experiences lived during childhood and adolescence has been identified as a central factor for the athletic development of athletes. Thus, understanding how these initial experiences are configured and the associated practice contexts becomes fundamental to supporting more equitable training processes oriented towards long-term development. Therefore, the general objective of this dissertation was to analyze the sporting experiences of female soccer players in the Southern region of Brazil, through the construction and gathering of validity evidence for the QEEF-Fem, with an emphasis on years of sports experimentation and the practice contexts associated with the athletes' development. Defined as a descriptive exploratory study, using psychometric characteristics, this work was organized as a collection of articles, consisting of two complementary studies. The first article aimed to develop and gather validity evidence for a psychometric instrument designed to assess the sports experimentation phase of young female soccer players, based on the Personal Assets Framework (PAF). The construction process involved stages of face validity, content validity, construct validity, reliability, and internal consistency of the items. 391 athletes, aged between 12 and 17 years, linked to teams affiliated with state federations in the Southern region of Brazil, participated in this stage. The second article consists of an original descriptive study whose objective was to characterize the practice context in the initial years of the sporting trajectory of young Brazilian soccer players, as well as to analyze the relationship between variations in sporting trajectory and psychosocial dimensions in light of the PAF (Physical Aptitude Assessment). The data were obtained using the instrument validated in the first study, allowing for a retrospective analysis of sporting experiences lived between the ages of 6 and 12. The results indicated that formal training began on average at 8.80 ± 2.64 years and competitions at 10.83 ± 2.23 years, accumulating 6.13 ± 2.60 years of sporting experience. Childhood was marked by a multi-sport profile (average of 4.55 ± 2.77 sports), with a predominance of soccer (92.3%) and futsal (86.4%). The diversity of sports practiced was positively associated with Personal Engagement (PE) (OR = 1.48; 95% CI: 1.16–1.89; pHolm = 0.023), and age also showed a positive association with PE (OR = 1.27; 95% CI: 1.10–1.49; pHolm = 0.007). This indicates that the players' sporting trajectories are marked by a high diversity of childhood experiences, with a predominance of deliberate play activities, a strong influence of the family context, and structural weaknesses in the institutional environments of training. The findings reinforce the importance of instruments sensitive to the sociocultural context of Brazilian women's football and point to the need for development models that value the diversification of experiences, the autonomy of athletes, and the improvement of practice environments from the initial stages of sports training.

Keywords: sports trajectory; women's soccer; sports development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP).	17
Figura 2 – Representação das engrenagens dos elementos dinâmicos dos ativos pessoais	18
Figura 3 – Processo de construção e reunião das evidências de validade.....	62
Figura 4 – Gráfico da variação dos indicadores por categoria	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização das etapas de validação escolhidas	34
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Representação da amostra a partir dos critérios de exclusão	29
Tabela 2 – Perfil das jovens atletas de futebol da região sul do Brasil.....	30
Tabela 3 – Avaliação dos critérios para seleção dos avaliadores.	35
Tabela 4 – Validade de face do questionário, considerando a escala de 1 a 5	54
Tabela 5 – Nota atribuída pelos especialistas à validade de conteúdo.....	55
Tabela 6 – Estrutura Fatorial do questionário.....	56
Tabela 7 – Descrição dos valores por média, desvio padrão, variação e Shapiro -Wilk	59
Tabela 8 – Interpretação das escalas do questionário.....	60
Tabela 9 – Perfil sociodemográfico das jovens atletas de futebol.....	69
Tabela 10 – Indicadores de trajetória esportiva em anos.....	70
Tabela 11 – Diversidade de modalidades praticadas entre 6 e 12 anos.....	71
Tabela 12 – Resultados dos modelos de regressão logística ordinal para as dimensões EP, RI e CP, e QEEF-Fem.	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DMPS	Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva
FCF	Federação Catarinense de Futebol
FCFS	Federação Catarinense de Futebol de Salão
FGF	Federação Gaúcha de Futebol
FPF	Federação Paranaense Futebol
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IVC	Índice de Validade de Conteúdo
NUPEDEFF	Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento do Futebol e do Futsal
PAF	Personal Assets Framework
PHQ	Questionário de Histórico de Participação
AFE	Análise Fatorial Exploratória
FESPORTE	Fundação Catarinense de Esporte
QEEF-Fem	Questionário de Experiências Esportivas no Futebol Feminino
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
CBF	CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	O PROBLEMA E SUA RELEVÂNCIA	15
1.2	REVISÃO DE LITERATURA.....	20
1.2.1	Futebol feminino.....	20
1.2.2	Trajetória esportiva.....	22
1.2.3	Instrumentos de avaliação esportiva.....	25
1.3	OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS.....	27
1.3.1	Objetivo geral.....	27
1.3.2	Objetivos específicos.....	27
1.4	HIPÓTESES CONCEITUAIS.....	28
1.5	JUSTIFICATIVA.....	28
1.6	MATERIAIS E MÉTODOS.....	29
1.6.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	29
1.6.2	PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	29
1.6.3	CONSTRUÇÃO E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE.....	31
1.6.3.1	<i>Construção do questionário.....</i>	<i>32</i>
1.6.3.2	<i>Evidências de validade.....</i>	<i>33</i>
1.6.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	38
1.6.4.1	Questionário de Avaliação dos Anos de Experimentação Esportiva.....	38
1.6.5	ANÁLISE ESTATÍSTICA	39
	REFERÊNCIAS.....	40
2	DESENVOLVIMENTO	48
2.1	CONSTRUÇÃO E REUNIÃO DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE UM QUESTIONÁRIO PARA AVALIAR A FASE DE EXPERIMENTAÇÃO ESPORTIVA DE JOVENS JOGADORAS DE FUTEBOL FEMININO (QEEF-FEM).....	48
	REFERÊNCIAS.....	64
2.2	O CONTEXTO DE PRÁTICA DE JOVENS JOGADORAS DE FUTEBOL: UMA ANÁLISE BASEADA NO PERSONAL ASSETS FRAMEWORK.....	68
	REFERÊNCIAS.....	82
3	CONCLUSÃO	86
	APÊNDICE A – MATRIZ ANÁLITICA.....	88
	APÊNDICE B – QEEF-FEM VERSÃO VALIADE DE CONTEÚDO.....	89

APÊNDICE C - QEEF-FEM VERSÃO VALIADE DE CONSTRUCTO.....	91
APÊNDICE D - QEEF-FEM VERSÃO FINAL.....	93
APÊNDICE E - CARTA CONVITE E O MODELO DE FICHA DE AVALIAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....	95
APÊNDICE F - TALE.....	97
APÊNDICE G - TCLE.....	100
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	103

1 INTRODUÇÃO

1.1 O PROBLEMA E SUA RELEVÂNCIA

O futebol é uma modalidade esportiva coletiva de reconhecimento mundial, amplamente praticada e enraizada na cultura brasileira (Costa Freire et al., 2023). No contexto nacional, dados do Instituto Datafolha indicam que, em 2023, aproximadamente 6% das mulheres relataram praticar futebol, representando um crescimento de dois pontos percentuais em relação a 2018. Essa ampliação da participação feminina ocorre em distintos contextos de prática, abrangendo os ambientes escolar, de reabilitação, de lazer, esportivo e de promoção da saúde (Greco, 2019).

Diante este contexto, o futebol feminino vem evidenciando um crescimento exponencial, ganhando popularidade em seu número de praticantes, o que, aos poucos, se converte em um maior interesse da comunidade científica (Barreira; Lames; Galatti, 2022; Barreira et al., 2022). Entretanto, a segregação de gênero ainda exerce influência importante sobre o desenvolvimento da carreira esportiva feminina (Mascarin; Vicentini; Marques, 2019), pois são observadas questões como a falta de apoio da família durante o início da carreira esportiva e o preconceito com o envolvimento das mulheres no esporte (Almann, 2013; Silva; Nazário, 2018).

Nesse cenário expansão marcado por desigualdades estruturais, o processo de formação de mulheres no futebol é um dos objetivos de diferentes agentes, como clubes, federações e organizações governamentais. A reflexão sobre o processo de formação do desenvolvimento no futebol perpassa pela compreensão dos caminhos e experiências acumuladas durante a infância e a adolescência (Ford et al., 2012; Machado; González-Víllora; Teoldo, 2024). Considerando a complexidade e a interação de processos e ambientes que fomentam o desenvolvimento esportivo e humano de futebolistas, Bronfenbrenner (2007) refere aos sistemas que impactam e devem ser levados em consideração neste cenário formativo, tais como o microsistema (i.e., casa, família), o mesossistema (i.e., escola, igreja), o exossistema (i.e., trabalho dos pais, reunião da professora com a direção da escola), o macrossistema (i.e., relações culturais e políticas do país) e o cronossistema (i.e., aspectos geracionais).

Para ilustrar essa situação, Oliveira e Perim (2009) observaram que políticas públicas ligadas à projetos esportivos (macrossistema), tais como o Programa Segundo Tempo, são fundamentais para promover a articulação entre o sistema educacional e o sistema esportivo. Portanto, o modo como os subsistemas são configurados e se retroalimentam podem determinar, em grande medida, o envolvimento e a formação de atletas para o futebol.

Quando se trata sobre o processo de formação e desenvolvimento esportivo à luz da Teoria Bioecológica, Côté et al. (2014) referem o que se tornou consenso entre os pesquisadores da área; nos primeiros anos de formação esportiva, a prioridade deve ser o foco na formação multilateral, embasada em características gerais dos esportes. Com o desenvolvimento e o aumento da idade, as crianças e adolescentes passam a evoluir nas questões específicas do jogo, se apropriando assim dos elementos táticos-técnicos. Deste modo, Côté, Baker e Abernethy (2007) discutem a partir de dois tipos de experiências a serem praticadas pelas crianças e adolescentes durante a infância: a prática deliberada e o jogo deliberado.

A prática deliberada foi um conceito inicialmente proposto por Ericsson, Krampe e Tesch-Römer (1993) que tem sido utilizado para sistematizar o processo de aprendizagem. Caracteriza-se como uma atividade estruturada de treino que se vale do acesso imediato ao feedback, detecção e correção de erros, esforço máximo e o mais alto nível de concentração (Ford et al., 2009; Ericsson et al., 1993). Essas atividades são realizadas com o intuito de melhorar o desempenho e não necessariamente geram satisfação, pois exigem um elevado nível de esforço cognitivo e/ou físico, além de estar associado ao desenvolvimento de habilidades específicas (Machado et al., 2022).

Por sua vez, o jogo deliberado se caracteriza enquanto atividade livre, orientada inicialmente pelas características do jogo, onde não necessariamente está relacionada à estrutura fechada do treinamento, nem com o uso excessivo de feedbacks, ou com a presença centrada no professor ou treinador (Côté et al., 2009).

Tanto a prática deliberada quanto o jogo deliberado permanecem em constante interação durante a trajetória esportiva de jovens jogadoras. Diversos estudos têm buscado compreender a melhor proporção na distribuição dessas vivências, de modo a elevar as competências tático-técnicas e a aprendizagem do jogo (Côté et al., 2020; Ford et al., 2020; Andrew et al., 2024). Nesse sentido, Côté et al. (1999) propõem o Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP), retratado na Figura

1. O modelo divide o desenvolvimento esportivo em diferentes etapas do processo de formação, onde o autor as classifica como: I) Anos de experiência esportiva (6–12 anos); II) Anos de especialização (13–15 anos); III) Anos de investimento (dos 16 anos até a idade adulta); e IV) Especialização precoce (dos 6 anos até a idade adulta).

Figura 1 - Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP).



Fonte: Adaptado de Côté, Baker e Abernethy (2004).

As fases do desenvolvimento esportivo também se caracterizam pela relação com o jogo deliberado, em que o supracitado autor defende que sua presença seja proporcionalmente maior nos anos experiência esportiva comparativamente às demais fases formativas, para que as crianças vivenciem múltiplas atividades esportivas com maior autonomia e ludicidade. Do mesmo modo, Bettenga (2017) afirma que este processo de formação deve ser abordado de forma flexível, considerando a etapa de formação, o contexto de inserção e a predisposição da criança ou adolescente para o jogo a partir de seu nível de compreensão.

Diante do modelo apresentado, Côté, Turnnidge e Vierimaa (2016) mencionam os fatores que influenciam a compreensão dos mecanismos que impactam o desenvolvimento de jovens atletas, tratado como a *Personal Assets Framework* (PAF). Dentre os ativos pessoais tratados na proposta, as engrenagens hierárquicas que movem o processo formativo, aqui também tratados como elementos dinâmicos, se valem da perspectiva bioecológica, conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 2 – Representação das engrenagens dos elementos dinâmicos dos ativos pessoais.



Fonte: Adaptado de Côté et. al. (2020).

As três engrenagens dos elementos dinâmicos retratados sobre o PAF são: I) Contexto de Prática; II) Engajamento Pessoal em Atividades; III) Relações Interpessoais. A relação em conjunto destas engrenagens compõe a promoção dos ativos pessoais no desenvolvimento de atletas (Côté et al., 2020).

A dimensão contexto de prática refere-se ao contexto físico e competitivo que compõem o ambiente de prática dos atletas. Dentro deste constructo, ao nível do microssistema, destacam-se o campo de jogo, que se caracteriza enquanto a estrutura dos ambientes de prática, sua supervisão e monitoramento. No contexto do mesossistema, pode-se mencionar a estrutura do clube/organização, tais como as

relações organizacionais sobre o processo de formação, o tamanho, a estrutura física e o ambiente competitivo disponível para a prática. No contexto do macrossistema, menciona-se a estrutura da comunidade, o impacto do local de nascimento sobre as oportunidades esportivas do indivíduo e a cultura esportiva de cada cidade.

A dimensão Engajamento Pessoal em Atividades aponta como a participação em uma variedade de práticas esportivas pode contribuir para um resultado positivo no desenvolvimento esportivo a longo prazo. No que se refere ao seu contexto de microssistema, menciona-se o esporte de interesse, que trata do engajamento da criança em um ou mais esportes de interesse. Na dimensão do mesossistema, percebem-se as relações com outras modalidades de interesse, que são capazes de desenvolver competências que contribuem para o desenvolvimento esportivo. Em sua relação com o macrossistema, as atividades complementares referem-se às vivências dos atletas em uma variedade de práticas que transcendem a relação com o esporte, tais como a música e a arte, com o objetivo de promover um maior bem-estar, posição acadêmica e formação de relacionamentos interpessoais.

Na dimensão das Relações Interpessoais, as dinâmicas sociais são observadas entendendo a relação com o esporte e sua exposição com diferentes agentes, como companheiros de equipe, treinadores, dirigentes e pais. Deste modo, em seu contexto micro destacam-se os relacionamentos interpessoais, que se referem às relações construídas com os treinadores, companheiros de equipe, árbitros e pais no ambiente esportivo. Quando observado no contexto de mesossistema, as dinâmicas de equipe retratam o modo como as expectativas dentro do processo de treino e jogo podem influenciar o desenvolvimento moral do atleta, a ética de trabalho e a vontade de contribuir para os objetivos da equipe. Assim como os papéis dos atletas afetam suas experiências dentro de uma equipe, a clareza das atribuições de papéis influencia a ansiedade e as crenças de capacidade para desempenhar os respectivos papéis. Por fim, Côté et al. (2020) lançam um olhar para o ambiente social mais amplo dentro de um determinado contexto esportivo (macrossistema), que refletem as influências dos diferentes agentes no processo de construção das relações do ambiente, como a lógica do desenvolvimento a longo prazo e o trabalho em equipe.

As engrenagens dinâmicas que movem o processo de formação esportiva apresentam diferenças sensíveis em relação ao gênero. Segundo Ford e Williams (2017), as meninas durante os anos de experiência esportiva (infância e adolescência)

praticam menos atividades físicas quando comparadas com os meninos da mesma faixa etária, o que sugere que as mulheres acumulam menos horas específicas no esporte durante o seu período de desenvolvimento.

Por outro lado, os dados referentes à quantidade de prática e jogo deliberado são contraditórios. Enquanto Machado et al. (2022) e Ford et al. (2020) sugerem maior diversidade na participação esportiva das mulheres na infância, Law et al. (2007), que avaliaram atletas de ginástica rítmica, observaram um acúmulo elevado de horas de prática deliberada, com pouca diversificação em outros esportes. Diante das informações contraditórias encontradas na literatura, a análise do desenvolvimento esportivo de jovens mulheres no esporte requer atenção e cautela.

Considerando este cenário, o presente estudo possui a seguinte questão norteadora: como se caracterizam os anos de experimentação esportiva das jovens jogadoras de futebol no Brasil? Partindo do pressuposto de que as atividades de jogo deliberado são prevalentes durante a infância (Ford et al., 2012) e de que, embora meninas pratiquem menos atividades físicas do que meninos nesse período da vida (Ford; Williams, 2017), elas tendem a apresentar maior diversidade de experiências esportivas, com vivências em diferentes modalidades (Machado et al., 2022; Ford et al., 2020), a hipótese inicial do estudo é que o jogo deliberado assume papel predominante nos anos de experimentação esportiva das meninas, caracterizando-se por maior diversidade de práticas nesse período avaliado através do QEEF-Fem.

1.2 REVISÃO DE LITERATURA

1.2.1 Futebol feminino

O desenvolvimento do futebol feminino, no Brasil é marcado por interdições legais e marginalização institucional, como o exemplo do Decreto-Lei nº 3.199, de 1941, que proibiu oficialmente a prática do futebol por mulheres, sob a justificativa de incompatibilidade com a sua “natureza”. Tal proibição vigorou até 1979, configurando quase quatro décadas de exclusão formal, com impactos profundos no desenvolvimento técnico, organizacional e simbólico da modalidade (Costa, 2017; Sardinha, 2011).

Entretanto, a revogação da proibição não resultou em uma integração imediata da modalidade às estruturas esportivas oficiais. A incorporação do futebol feminino à

Confederação Brasileira de Futebol (CBF) ocorreu de forma lenta e desarticulada, marcada pela ausência de políticas públicas consistentes, financiamento adequado e planejamento de longo prazo (Sardinha, 2011; Almeida, 2019).

No âmbito internacional, o reconhecimento institucional do futebol feminino também se deu de maneira tardia. A criação da Copa do Mundo Feminina, em 1991, representou um marco relevante, embora insuficiente para garantir, por si só, a igualdade estrutural. Avanços mais consistentes ocorreram a partir das reformas do Estatuto da FIFA, especialmente em 2016, quando a promoção da igualdade de gênero passou a ser incorporada como princípio fundamental. Essas diretrizes impulsionaram federações nacionais a adotar políticas de fomento, como a exigência de departamentos femininos em clubes de elite, com o objetivo de profissionalizar a gestão e elevar o nível competitivo da modalidade (Almeida, 2019; Adams et al., 2025).

Como reflexo dessas transformações, observa-se, nos últimos anos, um aumento expressivo da visibilidade midiática das ligas femininas em diferentes continentes (Januário; Leal, 2024). Eventos como a Copa do Mundo de 2023 consolidaram o futebol feminino como um produto esportivo de alto rendimento e interesse global, atraindo investimentos anteriormente inexistentes (Adams et al., 2025). Contudo, no contexto brasileiro, esses avanços coexistem com fragilidades estruturais persistentes, como a instabilidade dos calendários competitivos e a escassez de ligas de base, comprometendo a sustentabilidade do desenvolvimento da modalidade (Machado; González-Víllora; Teoldo, 2024).

A ausência de espaços seguros e pedagogicamente orientados durante a iniciação esportiva exige das atletas elevados níveis de resiliência psicológica para a permanência na modalidade (Gledhill et al., 2017). Nesse contexto, a familiar assume papel central no desenvolvimento das jogadoras, apontado como um dos principais preditores de permanência e sucesso no esporte, enquanto a ausência de apoio ou a presença de ambientes familiares disfuncionais pode resultar no abandono precoce da prática esportiva (Gledhill; Harwood, 2014; Hauser et al., 2024).

Do ponto de vista institucional, a fragilidade das estruturas de formação reflete-se na escassez de estratégias sistemáticas de recrutamento e identificação de talentos no futebol feminino (Machado; Gonzalez-Villora; Teoldo, 2025). Enquanto no futebol masculino, cujas redes de scouting são amplas e consolidadas, as academias femininas frequentemente operam com recursos humanos e tecnológicos limitados,

dificultando a identificação precoce de talentos e o acompanhamento longitudinal das atletas (Alder et al., 2024; Emmonds et al., 2026). Essa limitação contribui para a perda de potencial esportivo e para a descontinuidade de trajetórias promissoras.

Em resposta a esses desafios, a ciência do esporte tem ampliado a produção de conhecimentos específicos sobre o futebol feminino (Barreira; Lames; Galatti, 2022; Barreira et al., 2022). Pesquisas recentes destacam a importância de considerar as particularidades fisiológicas, antropométricas e de carga de treino das jogadoras, evitando a simples replicação de modelos desenvolvidos para atletas masculinos (Adams et al., 2025). Paralelamente, estudos sobre fatores psicossociais ressaltam o papel da motivação intrínseca, da autorregulação e de ambientes de desenvolvimento funcional na transição de jovens atletas para o nível de elite (Gledhill et al., 2017; Hauser et al., 2024).

No contexto brasileiro, evidências sugerem que a diversificação de experiências motoras na infância e a especialização tardia constituem elementos relevantes para o desenvolvimento da criatividade tática e da inteligência de jogo, reforçando a importância de modelos pedagógicos que valorizem o jogo lúdico e a exploração motora variada (Mascarin et al., 2019).

Apesar dos avanços, persistem lacunas importantes na literatura científica. A produção acadêmica concentra-se majoritariamente em atletas adultas de elite, negligenciando as fases iniciais da formação esportiva, como a infância e os primeiros anos da adolescência, bem como a realização de estudos longitudinais que acompanhem o desenvolvimento das atletas ao longo do tempo (Adams et al., 2025). Ademais, a predominância de modelos analíticos baseados em contextos europeus limita a compreensão das especificidades socioculturais do futebol feminino em países como o Brasil, onde fatores como classe social, território e raça influenciam diretamente o acesso e a permanência no esporte (Almeida, 2019; Mascarin et al., 2019).

1.2.2 Trajetória esportiva

A trajetória esportiva pode ser compreendida como um processo dinâmico, não linear e multifatorial, entendendo que o desenvolvimento esportivo resulta da interação contínua entre fatores biológicos, contextuais, psicológicos e sociais (Den Hartigh; Hill; Van Geert, 2018; Böhme, 2000; Layton; Taylor; Collins, 2023). Essa compreensão

dialoga com abordagens contemporâneas que concebem o talento como um fenômeno multidimensional, sensível às influências ambientais e às relações estabelecidas ao longo do desenvolvimento esportivo (Côté, 1999; Costa Freire et al., 2023).

Diferentemente de modelos lineares e deterministas, as produções recentes tem enfatizado que o percurso até o alto rendimento é marcado por transições, descontinuidades e reconfigurações constantes, não sendo possível explicá-lo exclusivamente por indicadores precoces de desempenho (Vaeyens et al., 2008; Ford et al., 2012; Gledhill; Harwood, 2014). Nesse sentido, Ford et al. (2012) destacam que trajetórias esportivas bem-sucedidas não seguem um padrão único, sendo caracterizadas por combinações distintas de experiências formais e informais, volumes de prática variáveis e momentos diferenciados de especialização.

Essa perspectiva desafia modelos tradicionais de desenvolvimento baseados na identificação precoce de talentos, ao evidenciar que o sucesso esportivo está frequentemente associado à diversidade de experiências motoras, ao envolvimento prolongado com o esporte e ao desenvolvimento progressivo de recursos pessoais, mais do que à seleção antecipada de atletas considerados “promissores” (Côté; Turnnidge; Vierimaa, 2016; Vaeyens et al., 2008). A literatura sobre desenvolvimento esportivo também aponta para a importância de compreender as diferentes fases da trajetória esportiva, desde a iniciação até a transição para contextos de maior exigência competitiva. Modelos desenvolvimentais sugerem que cada fase apresenta demandas específicas (i.e. físicas, técnicas, psicológicas e sociais) exigindo adaptações contínuas por parte das atletas (Côté, 1999; Costa Freire et al., 2023).

No contexto do futebol feminino, essas transições assumem contornos ainda mais complexos. Evidências recentes indicam que as trajetórias de jogadoras são marcadas por percursos menos lineares quando comparadas às dos atletas do sexo masculino, refletindo desigualdades históricas de acesso, menor estabilidade institucional e oportunidades formativas mais fragmentadas (Machado; González-Villora; Teoldo, 2025). Estudos focados no futebol feminino apontam que a qualidade dos ambientes de desenvolvimento esportivo exerce influência decisiva sobre a continuidade da carreira, especialmente no que se refere às relações com treinadores, ao suporte familiar e à articulação entre os diferentes agentes envolvidos no processo formativo (Côté, 1999; Gledhill; Harwood, 2014).

A noção de ambiente de desenvolvimento de talentos tem sido amplamente utilizada para compreender como fatores contextuais moldam as trajetórias esportivas. Evidências sugerem que ambientes caracterizados por comunicação eficaz, clareza nos objetivos de longo prazo e sensibilidade às necessidades individuais favorecem a motivação, o engajamento e a permanência das atletas no esporte (Gledhill; Harwood, 2019). Em contraste, contextos pouco estruturados ou excessivamente orientados para o rendimento imediato tendem a comprometer o desenvolvimento integral e a dificultar transições bem-sucedidas ao longo da carreira.

Além disso, abordagens contemporâneas enfatizam que o desenvolvimento atlético não ocorre de forma isolada das demais dimensões da vida da atleta, indicando que a conciliação entre esporte, educação e vida social constitui um desafio central nas trajetórias esportivas, especialmente em sistemas formativos que carecem de estratégias sistemáticas de acompanhamento e monitoramento do desenvolvimento a longo prazo (Côté; Turnnidge; Vierimaa, 2016; Layton; Taylor; Collins, 2023).

Nesse sentido, o DMSP (Côté; Baker; Abernethy, 2003) reforça essa visão não linear ao categorizar as etapas formativas com base no equilíbrio entre o jogo e a prática deliberada. O modelo propõe que o sucesso a longo prazo é potencializado por uma fase inicial de experimentação, na qual a diversificação e o caráter lúdico prevalecem sobre a especialização precoce. Ao integrar essa perspectiva ao PAF, compreende-se que o desenvolvimento resulta da interação dinâmica entre seus elementos centrais — contextos de prática, engajamento pessoal e relações interpessoais de qualidade. Essa sinergia favorece a construção de ativos pessoais que sustentam uma trajetória esportiva rica, resiliente e diversificada ao longo da carreira (Côté et al., 2020)

Dessa forma, compreender a trajetória esportiva no futebol feminino exige reconhecer que o desenvolvimento do talento é resultado de processos integrados, socialmente situados e sensíveis ao contexto histórico e cultural (Den Hartigh et al., 2018; Machado et al., 2025). Essa compreensão amplia o foco da análise, do desempenho isolado para o conjunto de experiências que moldam o percurso das atletas, reforçando a necessidade de instrumentos de avaliação capazes de captar essa complexidade de forma sistemática, especialmente no que diz respeito às experiências percebidas ao longo da formação esportiva (Layton et al., 2023; Vaeyens et al., 2008).

1.2.3 Instrumentos de avaliação esportiva

A avaliação no esporte tem sido historicamente orientada por métricas de desempenho físico, técnico e fisiológico, frequentemente utilizadas como critérios centrais para seleção e progressão de atletas. Embora tais indicadores sejam indispensáveis para o monitoramento do rendimento imediato, a literatura evidencia limitações significativas quando são empregados de forma isolada para compreender processos de desenvolvimento a longo prazo (Ford et al., 2012). Em contextos formativos como o futebol feminino essa abordagem restrita tende a obscurecer fatores psicossociais e contextuais que desempenham papel determinante na construção das trajetórias esportivas (Machado; González-Víllora; Teoldo, 2025).

Desse modo, nota-se um movimento crescente em direção ao uso de instrumentos de avaliação capazes de captar dimensões mais amplas do desenvolvimento esportivo. Assim, questionários psicométricos têm sido incorporados para investigar percepções de atletas sobre seus ambientes de formação, relações interpessoais e experiências acumuladas ao longo da carreira (Gledhill; Harwood, 2018). Tais instrumentos permitem acessar aspectos subjetivos do processo de desenvolvimento que não são contemplados por avaliações físicas ou técnicas tradicionais, ampliando a compreensão sobre os fatores que sustentam ou limitam o progresso esportivo.

Um dos instrumentos mais utilizados nesse campo é o Questionário de Histórico de Participação (PHQ) (Ford et al., 2010), desenvolvido para registrar retrospectivamente a quantidade e o tipo de atividades esportivas realizadas ao longo da trajetória de formação. O PHQ possibilita mapear horas acumuladas em prática orientada por treinadores, jogos entre pares e competições, além de incluir medidas de percepção subjetiva como esforço físico, esforço cognitivo, motivação e prazer. Estudos aplicados ao futebol feminino demonstram que o PHQ é capaz de identificar padrões de engajamento em diferentes fases do desenvolvimento, revelando tanto a diversidade de experiências esportivas quanto a intensidade de dedicação em momentos críticos da carreira (Ford; Hodges et al., 2020; Hendry et al., 2019). Esses achados reforçam a utilidade do instrumento como ferramenta diagnóstica e de apoio à compreensão das trajetórias esportivas.

Entretanto, a literatura também alerta para as limitações de instrumentos padronizados quando aplicados de forma descontextualizada. Gledhill e Harwood

(2015) argumentam que a compreensão das trajetórias esportivas femininas requer métodos sensíveis às especificidades culturais, estruturais e históricas de cada contexto. Nesse sentido, instrumentos psicométricos têm sido defendidos como estratégias para capturar a complexidade das experiências vividas pelas atletas, sobretudo aquelas que não alcançam os níveis mais elevados de rendimento (Pasquali, 2005; Urbina, 2014).

Outro desafio relevante refere-se à escassez de instrumentos voltados para análises longitudinais das trajetórias esportivas. Grande parte das avaliações disponíveis oferece apenas retratos pontuais, dificultando a compreensão de como fatores individuais e ambientais interagem ao longo do tempo. Ford et al. (2012) destacam que a ausência de dados longitudinais limita a capacidade de identificar padrões de desenvolvimento e de compreender por que determinados atletas conseguem sustentar suas carreiras enquanto outros abandonam precocemente o esporte.

No caso do futebol feminino, tais limitações tornam-se ainda mais evidentes diante da histórica marginalização da modalidade e da consequente fragilidade das estruturas de formação. Instrumentos de avaliação que ignoram essas especificidades correm o risco de reproduzir modelos derivados do futebol masculino, pouco sensíveis às realidades vivenciadas pelas jogadoras (Gledhill; Harwood, 2019). Assim, torna-se imprescindível adotar ferramentas que permitam reconstruir percursos formativos de maneira contextualizada, valorizando tanto indicadores objetivos quanto percepções subjetivas das atletas.

Dessa forma, a escolha de instrumentos de avaliação no esporte deve estar intrinsecamente alinhada aos objetivos da investigação e às características do fenômeno analisado. No caso da presente dissertação, a ênfase na trajetória esportiva no futebol feminino exige instrumentos capazes de captar experiências acumuladas, transições de carreira e influências contextuais, oferecendo uma compreensão mais abrangente e aprofundada do desenvolvimento das atletas ao longo do tempo.

1.3 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta dissertação foi analisar as experiências esportivas das jogadoras de futebol da região sul do Brasil, através da construção e reunião das evidências de validade do QEEF-Fem. Para cumprir o objetivo proposto, foram desenvolvidos dois artigos científicos:

Artigo 1: Construção e reunião de evidências de validade de um questionário para avaliar a fase de experimentação esportiva de jovens jogadoras de futebol feminino (QEEF-Fem).

Objetivo Geral: Construir e reunir evidências de validade de um instrumento psicométrico que avalie a fase de experimentação esportiva de jovens jogadoras de futebol, fundamentado nas engrenagens do Personal Assets Framework.

Artigo 2: O contexto de prática de jovens jogadoras de futebol: uma análise baseada no Personal Assets Framework.

Objetivo Geral: Caracterizar o contexto de prática nos anos iniciais de jovens jogadoras de futebol brasileiras e analisar a relação entre variáveis da trajetória esportiva e dimensões psicossociais à luz do PAF.

1.3.2 Objetivos específicos

- I) Construir um questionário de avaliação da fase de experimentação esportiva de atletas de futebol feminino;
- II) Reunir evidências de validade do questionário de avaliação da fase de experimentação esportiva de atletas de futebol feminino;
- III) Descrever o envolvimento dos tipos e quantidades de atividades do futebol durante a infância e adolescência;
- IV) Caracterizar os ambientes de práticas esportivas vivenciados por jovens jogadoras de futebol;

1.4 HIPÓTESES CONCEITUAIS

H1: A fase de experimentação esportiva de jovens jogadoras é influenciada pela interação entre as engrenagens do PAF.

H2: O QEEF-Fem demonstra ser um instrumento apto para avaliar a fase experimentação esportiva de jovens jogadoras de futebol.

H3: As atletas de futebol apresentam uma grande diversificação nos anos de experimentação esportiva.

1.5 JUSTIFICATIVA

O interesse de estudo desta dissertação surge a partir da percepção do autor sobre o impacto do contexto sobre o processo de formação das meninas no futebol. Motivo este endossado tanto pelas vivências no meio esportivo quanto pelas observações e leituras realizadas ao longo da formação acadêmica.

O Brasil por seu histórico desempenho esportivo é reconhecido pelo desenvolvimento e formação de jogadoras com perceptíveis habilidades técnicas e táticas, qualidades estas estudadas ao longo do tempo por despertarem curiosidade da comunidade científica (Uehara et al., 2020; Ueda et al., 2023). Com isso, a reflexão sobre o processo de formação do desenvolvimento no futebol perpassa pela compreensão dos caminhos e experiências acumuladas durante a infância e a adolescência (Ford et al., 2012).

As experiências em que as jogadoras de futebol se envolvem durante seus anos de formação esportiva contribuem significativamente para o seu desempenho na fase adulta (Andrew et al., 2024). Nesse sentido, os instrumentos se propuseram a investigar o contexto de formação esportivo não se propuseram a investigar as nuances do ambiente da formação esportiva de mulheres. Embora nessa discussão prevaleçam os estudos com jogadores do sexo masculino, houve poucas pesquisas que se valeram do futebol feminino.

Apesar deste cenário, ainda não existem consenso em relação a quais fatores impactam no ambiente competitivo e de formação das jogadoras de futebol no Brasil, com o objetivo de potencializar a aprendizagem e a experiência no futebol feminino.

Deste modo, investigar o envolvimento esportivo das jogadoras brasileiras poderá auxiliar na elaboração e na proposição de métodos de desenvolvimento esportivo, que propiciem experiências contextualizadas e propícias aos seus praticantes. Deste modo, buscando colaborar com o desenvolvimento de uma formação que prestigie a autonomia e criatividade das jogadoras de futebol no Brasil.

1.6 MATERIAIS E MÉTODOS

1.6.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta dissertação adota uma abordagem quantitativa, do tipo descritivo e exploratória, por se valer da premissa que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas, por meio da observação, análise e descrição objetivas e completas. Para isso foi empregado o método de estudo exploratório, realizando um estudo comparativo retrospectivo, por meio da aplicação de um questionário (Thomas; Nelson; Silverman, 2009).

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina com o seu parecer favorável nº 7.517.417. Todas as participantes do estudo entregaram assinados o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

1.6.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Este estudo foi composto por jovens atletas de futebol feminino vinculadas às Federações de Futebol dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A amostra foi intencional, por julgamento (Cooper & Schindler, 2003), definida conforme Nobre et al. (2017), a partir de critérios previamente estabelecidos para seleção das equipes participantes. Deste modo, participaram do estudo as equipes: I) Sociedade Esportiva Kindermann; II) Criciúma Esporte Clube; III) ADAFF Joinville; IV) Marcilio Divas Itajaí; V) Esporte Clube Juventude; VI) Paraná Clube; VII) Esporte Clube Pelotas; VIII) Dale Acade; IX) Londrina Esporte Clube; X) Toledo Esporte Clube; XI) Coritiba Foot Ball Club; XII) F.E.V.A.T; XIII) Associação Chapecoense de Futebol;

XIV) AJAP Pinhalzinho; XV) Meninas de Jaraguá. Participaram do estudo meninas com idade entre 12 e 17 anos, com vínculo com as equipes femininas vinculadas em competições da Federação Catarinense de Futebol (FCF), Federação Paranaense de Futebol (FPF) e Federação Gaúcha de Futebol (FGF). Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: I) ter entre 12 e 17 anos; II) atletas vinculadas às equipes de futebol dos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul que disputam competições organizadas pela FCF, FPF e FGF.

Foram excluídas as atletas que: I) não assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – (TALE) e/ou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE); II) ausência no dia da avaliação; III) participantes que não vivenciaram práticas esportivas (lutas e/ou esportes coletivos e/ou esportes individuais e/ou esportes aquáticos) entre os 6 e 12 anos de idade. Com base nos supracitados critérios, a amostra final foi composta por 391 atletas, oriundas de 15 clubes de futebol, representado na Tabela 1.

Tabela 1 – Representação da amostra a partir dos critérios de exclusão.

	Total Geral	Critério 1	Critério 2	Critério 3	Amostra Final
Paraná	221	0	40	1	180
Santa Catarina	154	0	22	1	131
Rio Grande do Sul	106	0	26	0	80
TOTAL	481	0	88	2	391

Nota: critério 1 = ausência de entrega do TCLE/TALE; critério 2 = ausência na avaliação; critério 3 = não vivenciaram práticas esportivas entre os 6 e 12 anos.

Os dados da Tabela 2 apresentam as informações sobre faixa etária das participantes, o tipo de escola que estuda (público ou privada), e as regiões do Brasil representadas no estudo.

Tabela 2 – Perfil das jovens atletas de futebol da região sul do Brasil.

	n	%
Categoria		
12 anos	17	4,35
13 anos	67	17,14
14 anos	75	19,18
15 anos	95	24,29
16 anos	77	19,69
17 anos	60	15,34
Tipo de escola de estuda ou estudou		
Escola Pública	246	62,92
Escola Privada	93	23,79
Não informado	52	13,29
Representação dos locais de nascimento das regiões do Brasil		
Norte	6	1,53
Nordeste	9	2,30
Centro - Oeste	12	3,07
Sudeste	15	3,84
Sul	338	86,45
Exterior	5	1,28
Não informado	6	1,53
Representação da amostra em cada estado da região sul		
Paraná	180	46,1
Santa Catarina	131	33,5
Rio Grande do Sul	80	20,4
Total de atletas participantes da pesquisa	391	100

Fonte: O autor

1.6.3 CONSTRUÇÃO E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE

Segundo o American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education (2014) a evidência de validade se conceitua enquanto um conjunto de elementos empíricos e teóricos reunidos, que se proponham a demonstrar que realmente o instrumento proposto mede o que se propõe a medir e se as interpretações propostas são apropriadas para avaliar um determinado contexto. Deste modo, o conjunto de

evidências acumuladas dão suporte á interpretação pretendida pelo teste para o uso proposto.

1.6.3.1 Construção do questionário

O questionário utilizado no presente estudo passou pelas etapas de construção e obtenção de evidências de validade, tendo como propósito a caracterização dos caminhos do desenvolvimento esportivo e os tipos de envolvimento esportivo vivenciados durante o processo de formação no futebol. Deste modo, Gil (2008) trata a construção de um questionário na tradução dos objetivos da pesquisa em questões específicas, onde a partir das respostas obtidas, pode-se descrever as características da população investigada.

O questionário denominado de Questionário de Avaliação dos Anos de Experimentação Esportiva foi desenvolvido para avaliar o período de experimentação esportiva (entre 6 e 12 anos) das atletas de futebol feminino. Este período temporal é caracterizado por Côté et al. (2004) como a época de ingresso nas vivências no esporte. Deste modo, o questionário pretende obter informações retrospectivas (Thomas; Nelson; Silverman, 2009), avaliando atletas com idades entre 13 e 17 anos acerca das experiências vivenciadas por elas no período de 6 e 12 anos.

A construção do questionário ocorreu a partir do desenvolvimento de uma matriz analítica representando a variável observada (participação esportiva na infância), as dimensões (engajamento pessoal, relações interpessoais e contextos de prática) e os indicadores (esporte de interesse; outras modalidades esportivas; atividades complementares; pais e familiares; treinadores e professores de educação física; colegas de equipe; dirigentes e árbitros; campo de jogo; contexto escolar; clube esportivo; projetos sociais; e comunidade e cidade) que balizaram a construção das questões. A matriz analítica e o questionário apresentados nos Apêndices 1 e 2 respectivamente.

O processo de construção da matriz analítica e elaboração das questões foi proposto por um comitê de especialistas, composto por seis participantes, com experiência em validação e compreensão da lente teoria utilizada, seguindo critérios sugeridos por Alexandre e Coluci (2011).

O referido questionário busca, portanto, obter as seguintes informações: I) Idade em que as participantes começaram a praticar futebol; II) idade de início na prática supervisionada de futebol; III) idade que começou a disputar competições; IV)

modalidades praticadas na infância; V) engajamento pessoal em atividades; VII) relações Interpessoais; VIII) contexto de prática.

1.6.3.2 *Evidências de validade*

O processo de validação é comumente constituído por três procedimentos distintos (Pasquali, 1999): os procedimentos teóricos (i.e., validade de conteúdo), os procedimentos empíricos (i.e., validade de face e confiabilidade), e os procedimentos estatísticos (i.e., validade de constructo e a consistência interna dos itens), deste modo, contemplando diferentes camadas da validação do instrumento. Com objetivos similares, outros questionários já foram construídos, como o Questionário de Histórico de Participação (PHQ) proposto por Ford et al. (2010), porém por não ter validação adequada para língua portuguesa, sua utilização foi descartada.

Para o processo de evidências de validação, foram adotadas as recomendações do “*Standards*” produzido pela American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education (2014), que tem como propósito fornecer critérios para o desenvolvimento e validação de instrumentos e testes.

Com isso, o questionário passou pelas seguintes etapas de validação: I) validade de face; II) validade de conteúdo (clareza de linguagem, pertinência prática e relevância Teórica); III) validade de construto (análise fatorial); IV) confiabilidade e V) consistência interna dos itens, etapas estas caracterizadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Caracterização das etapas de validação escolhidas.

Tipo de Validação	Conceito	Aplicação
Validade de Face	Refere-se à aparência de um teste ser válido para aqueles que o utilizam.	Para a avaliação desta etapa o questionário passou pela avaliação de um grupo piloto de 45 atletas.
Validade de Conteúdo	Refere se ao grau em que os itens de um teste representam adequadamente o domínio do conhecimento ou comportamento proposto a medir.	Para avaliação desta etapa o questionário passou por 10 especialistas da área (Doutores(as) em Educação Física)
Clareza de Linguagem	Avaliar se o instrumento apresenta uma comunicação precisa e compreensível ao público alvo	Para avaliação desta etapa o questionário passou por 10 especialistas da área (Doutores(as) em Educação Física)
Pertinência Prática	Avaliar se o instrumento é provido da capacidade de colher informações sobre as jogadoras e sua trajetória de formação esportiva	Para avaliação desta etapa o questionário passou por 10 especialistas da área (Doutores(as) em Educação Física)
Validade de Construto	O Construto se refere aos conceitos ou características que o teste é desenhado para medir.	Esta etapa foi realizada por meio da análise de equações estruturais
Consistência Interna dos itens	Método estatístico usado para identificar a consistência interna dos itens do questionário.	Esta etapa foi realizada por meio do cálculo do alfa de cronbach.

Fonte: American Educational Research Association, American Psychological Association, & National Council on Measurement in Education (2014); Pasquali (2007).

Validade de face

A literatura sugere que ao iniciar o processo de construção de um instrumento, ele seja aplicado em seus respectivos usuários, de modo a evidenciar se a aparência do questionário é válida para os sujeitos que irão utilizá-lo. Esta etapa não requer análises estatísticas mais aprofundadas, apenas de uma avaliação intuitiva (Masuwai; Zulkifli; Hamzah, 2024; Mackison et al., 2010; Hair et al., 2013).

Portanto, após a construção do instrumento pelo comitê de especialistas, foi conduzida a aplicação do questionário para 45 jovens jogadoras de futebol que fazem parte das categorias de base de um clube de futebol com idade entre 12 e 17 anos.

Nesta aplicação, perguntou-se às atletas: I) você acha que as questões que constituem o questionário estão claras e compreensíveis? (média = 4,29; desvio padrão = 0,78) II) você acha que as questões avaliam as experiências esportivas vividas no futebol e no futsal? (média = 4,42; desvio padrão = 0,71) III) você sentiu dificuldade de entender o questionário? (média = 1,89; desvio padrão = 1,18) IV) você sentiu que alguma pergunta ficou confusa ou ambígua? (média = 1,91; desvio padrão = 1,26) V) as perguntas usam linguagem adequada para a sua idade? (média = 4,31; desvio padrão = 1,05) VI) você gostou de responder o questionário? (média = 4,62, desvio padrão = 0,85) VII) você responderia novamente este questionário? (média = 4,42, desvio padrão = 1,27).

Com isso, as respostas obtidas na etapa de validade de face, apontaram para uma aplicação satisfatória, caracterizando a aparência do questionário como válida para atletas com idade entre 13 e 17 anos de idade.

Validade de conteúdo

A validade de conteúdo é fundamental no processo de desenvolvimento e validação de instrumentos, avaliando o nível em que cada elemento medido é representativo para os constructos teóricos que se propõe avaliar (Alexandre e Coluci, 2011).

Para este estudo, foram avaliados os seguintes critérios: clareza de linguagem; pertinência prática; e relevância teórica do questionário, conforme descritos no Quadro 1. Nesta etapa da investigação, Alexandre e Coluci (2011) referem a importância de se considerar entre 5 e 10 avaliadores, sendo a quantidade final dependente de fatores como a complexidade do estudo, a qualificação dos avaliadores e a característica do instrumento.

Deste modo, fizeram a etapa de validade de conteúdo 10 pesquisadores com experiência no processo de validação de instrumentos, convidados/as via correio eletrônico, levando em consideração critérios como os descritos abaixo:

- I) Ter doutorado em Educação Física;
- II) Ser professor universitário;
- III) Ter produções sobre formação de jovens no esporte;
- IV) Ter produções voltadas para formação e desenvolvimento de jovens no futebol;
- V) Ter experiência com outros processos de validação de instrumentos ou questionários;

A representação dos pesquisadores que integraram o processo de validação de conteúdo foi desenvolvida a partir das informações disponíveis nos respectivos currículos e consultados na Plataforma Lattes (pública e de livre acesso). A descrição desta avaliação está apresentada na Tabela 3.

Tabela 3 – Avaliação dos critérios para seleção dos avaliadores.

Avaliadores(as)	Critérios				
	1	2	3	4	5
1	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
2	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
3	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
4	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
5	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
6	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
7	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
8	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
9	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
10	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: O autor

A resposta dos itens ocorreu na estrutura de uma escala *Likert* (1932) com intervalo entre 1 a 5 (1 = não pertinente; 5 = pertinente), possibilitando compreender o nível de concordância da validade das questões, sobre cada um dos critérios.

Para avaliar a clareza de linguagem, a pertinência prática e a relevância teórica das 45 questões elaboradas, empregou-se o índice de validade de conteúdo. De acordo com Wynd et al. (2003) este índice pretende expressar a quantidade de respostas que um mesmo item obteve notas 4 e 5, conforme equação abaixo:

$$IVC = \frac{\text{número de respostas "4" ou "5"}}{\text{número total de respostas}}$$

Deste modo, das 45 questões previamente elaboradas, 7 questões ficaram com IVC abaixo de 0,70 e foram removidas ($IVC_{\text{médio}}=0,63$) e 4 foram reelaboradas a partir

das sugestões textuais enviadas pelos especialistas e passaram para a etapa subsequente ($IVC_{\text{médio}}=0,73$).

Validade de constructo

A validade de constructo busca a conexão entre uma dimensão teórica e um fenômeno comportamental, através de uma análise empírica, se valendo de testes estatísticos. Deste modo, procurando a correlação entre a lente teórica proposta e a hipótese investigada (Cunha; de Almeida Neto; Stackfleth, 2016; Collares; Grec; Machado, 2012). Portanto, esse estudo se utilizou da aplicação em massa do instrumento com 391 atletas, a observar a relação entre os constructos teóricos e o modelo proposto, foi utilizado a análise fatorial exploratória.

Para tanto, foi empregada a análise fatorial exploratória (AFE) considerando os estimadores de ajuste manuais com três fatores, com o método fatorial WLS com rotação oblíqua e matriz de correlação policórica, visando avaliar a estrutura fatorial do instrumento (Ferrando; Lorenzo-Seva, 2016; Lorenzo-Seva; Fernando, 2023). Deste modo, buscou-se verificar a coerência entre a fundamentação teórica e as evidências empíricas obtidas, consolidando as evidências de validade de constructo (Cunha; de Almeida Neto; Stackfleth, 2016; Collares; Grec; Machado, 2012).

Confiabilidade

A confiabilidade é a capacidade de um instrumento medir o nível de fidelidade do fenômeno investigado (Guarda et al., 2023). Desse modo, a confiabilidade do questionário foi medida a partir da avaliação do seu nível de estabilidade, a partir da análise da consistência interna dos itens (Primi, 2012; Cunha; de Almeida Neto; Stackfleth, 2016).

Consistência interna dos itens

A análise da consistência interna de um instrumento se propõe a analisar a fiabilidade e consistência dos itens propostos, se propondo assim a medir se o conjunto de respostas obtidas respondem o mesmo conjunto de constructos propostos (Cascaes da Silva et al, 2015; Ledesma; Ibañez; Mora, 2002). Para esta análise foi utilizado o coeficiente α (alfa) de cronbach (Cronbach, 1951), que mede a relação entre

as respostas do instrumento por meio da análise do perfil da média das respostas dadas, assim como sugerido por Cascaes da Silva et al. (2015).

1.6.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A aplicação do questionário e coleta de dados foi realizada concomitantemente com o desenvolvimento do Diagnóstico do futebol feminino da região sul do país, projeto do Centro de Desenvolvimento do Futebol e Futsal, vinculado ao Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento do Futebol e do Futsal - NUPEDEFF. Deste modo o período de coleta de dados foi conduzido entre os meses de junho e julho de 2025. Buscando a inclusão das atletas de futebol dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, propondo-se a aplicação do questionário e compreensão dos ambientes de prática do futebol feminino.

1.6.4.1 Questionário de Avaliação dos Anos de Experimentação Esportiva

Para a validação do questionário, foram cumpridas algumas etapas: I) construção do comitê para o desenvolvimento da matriz analítica e questionário; II) validade de conteúdo: 10 (dez) especialistas, colaboraram com a validação de conteúdo da matriz analítica (Apêndice 1) e do questionário (Apêndice 2); III) validade de face: compreensão dos sujeitos (público-alvo) sobre as questões elaboradas; IV) validade de constructo: foi realizada por meio de análise fatorial exploratória. Para isso, foi aplicado o questionário validado na etapa I, em uma amostra representativa de 10 sujeitos por questão; V) confiabilidade: ocorreu por meio do coeficiente de correlação intraclass, para verificar a estabilidade temporal das respostas por meio de duas coletas de dados, em um intervalo de 28 dias (Guarda et al., 2023); VI) consistência interna dos itens: etapa realizada por meio do cálculo do alfa de cronbach.

Deste modo, o questionário foi aplicado com 15 equipes (5 equipes do estado do Paraná, 6 equipes do estado de Santa Catarina e 4 equipes do estado do Rio Grande do Sul). As aplicações ocorreram de forma presencial, com tempo médio de respostas das participantes de 23 minutos. Das 391 participantes foram entre os três

estados: 180 participantes do Paraná; 131 participantes de Santa Catarina; 80 participantes do Rio Grande do Sul.

1.6.5 ANÁLISE ESTATÍSTICA

No primeiro momento os dados passaram por tabulação em planilha Excel. A análise dos itens do questionário durante seu processo de validação, foi realizada por meio do V de Aiken (Aiken, 1985). Para a realização das análises estatísticas foi utilizado o Software JASP 0.95.2.0, para explorar as relações e diferenças entre as variáveis tipo de prática e comportamento criativo, em seguida foi realizado o Shapiro-Wilk para verificar a normalidade dos dados. A análise fatorial exploratória foi realizada através do método com rotação *oblimin* e matriz de correlação policórica, com o objetivo de identificar a correlação dos constructos do questionário, buscando compreender se os itens se agrupam de maneira coerente a partir das dimensões teóricas.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Thomas et al. The performance, health and development of youth women's footballers: A systematic scoping review. **International Journal of Sports Science & Coaching**, p. 17479541251411068, 2025.
- AIKEN, L. Three coefficients for analyzing the reliability and validity of ratings. *Educational and Psychological Measurement*, v. 45, n. 1, p. 131-142, 1985, and Oksaviona, V, Islami, N and Nasir, M. **Development of PBL-Based Sound Wave Interactive Multimedia Using Lumi for Class XI High School Students**. *Journal of Research in Science Education*, v. 9, n. 10, p. 8008-8015, 2023.
- ALDER, Sam et al. Talent identification and development processes of female soccer academies from the top three tiers in England. **Journal of Expertise**, v. 7, n. 4, p. 130-148, 2024.
- ALEXANDRE, Neusa Maria Costa; COLUCI, Marina Zambon Orpinelli. Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. **Ciencia & saude coletiva**, v. 16, p. 3061-3068, 2011.
- ALTMANN, Helena; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamento e de conquistas. **Movimento**, p. 211-232, 2013.
- ANDREW, Matthew et al. Talent development in female soccer: Developmental activities of professional players in England. *Journal of Sports Sciences*, v. 42, n. 10, p. 853-864, 2024.
- BARREIRA, Júlia; LEMES, Rodrigo; GALATTI, Larissa Rafaela. Trajectories and professional skills of high-level women's football managers in Brazil. In: **Women's Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives Vol 1. Brazil**. Cham: Springer International Publishing, 2022. p. 145-162.
- BARREIRA, Júlia et al. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. **Movimento**, v. 24, p. 607-618, 2022.
- BARREIRA, Júlia et al. The sport development and its socio-cultural and managerial aspects: an integrative review. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 28, p. e10220009722, 2022.
- BARREIRA, Júlia; LEMES, Rodrigo; GALATTI, Larissa Rafaela. Trajectories and professional skills of high-level women's football managers in Brazil. In: **Women's Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives Vol 1. Brazil**. Cham: Springer International Publishing, 2022. p. 145-162.

BETTEGA, Otavio Baggiotto et al. Desenvolvimento de treinadores e atletas. **Pedagogia do Esporte**, v. 1, p 17- 38, 2017.

BÖHME, Maria Tereza Silveira. Treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. **Revista Brasileira de ciências do esporte**, v. 21, n. 2, 2000.

BRONFENBRENNER, Urie; MORRIS, Pamela A. The bioecological model of human development. **Handbook of child psychology**, v. 1, 2007.

CASCAES DA SILVA, Franciele et al. Estimadores de consistencia interna en las investigaciones en salud: el uso del coeficiente alfa. **Revista Peruana de medicina experimental y salud pública**, v. 32, p. 129-138, 2015.

CODES, A. L. M. D. Modelagem de Equações Estruturais: um método para a análise de fenômenos complexos. **Caderno CRH UFBA**, Salvador, v. 18, n. 45, p. 471-484, set./dez. 2005.

COLLARES, Carlos Fernando; GREC, Waldir Logulo Parizoto; MACHADO, José Lúcio Martins. Psicometria na garantia de qualidade da educação médica: conceitos e aplicações. **Sci Health**, v. 3, n. 1, p. 33-49, 2012.

COOPER, D.R.; SCHINDLER, P.S. (2003) Método de pesquisa em administração, Porto Alegre: Bookman, 7ª edição.

COSTA FREIRE, Rafael et al. Processo de formação esportiva e transição de categorias no futebol: uma análise a partir da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Retos: Nuevas Perspectivas de Educación Física, Deporte y Recreación**, v. 48, 2023.

CÔTÉ, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, 13(4), 395–417. <https://doi.org/10.1123/tsp.13.4.395>.

CÔTÉ, J., & Vierimaa, M. (2014). The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. **Science & Sports**, 29(Supl.), 63-69 doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.scispo.2014.08.133>.

CÔTÉ, J., Baker, J., & Abernethy, B. (2007). Play and practice in the development of sport expertise. In G. Tenenbaum & R. C. Eklund (Eds.), **Handbook of sport psychology** (3rd ed., pp. 184–202). Wiley.

CÔTÉ, J., Lidor, R., & Hackfort, D. (2009). ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance.

International Journal of Sport and Exercise Psychology, 9(1), 7–17. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2009.9671889>.

CÔTÉ, Jean et al. Youth sport research: Describing the integrated dynamics elements of the Personal Assets Framework. **International Journal of Sport Psychology**, v. 51, n. 6, p. 562-578, 2020.

CÔTÉ, Jean; BAKER, Joseph; ABERNETHY, A. B. From play to practice: A developmental framework for the acquisition of expertise in team sport. **Expert performance in sports: Advances in research on sport expertise**, 2004.

CÔTÉ, Jean; TURNNIDGE, Jennifer; VIERIMAA, Matthew. A personal assets approach to youth sport. In: **Routledge handbook of youth sport**. Routledge, 2016. p. 243-255.

CRONBACH, Lee J. Coefficient alpha and the internal structure of tests. **psychometrika**, v. 16, n. 3, p. 297-334, 1951.

CUNHA, Cristiane Martins; DE ALMEIDA NETO, Omar Pereira; STACKFLETH, Renata Stackfleth. Principais métodos de avaliação psicométrica da confiabilidade de instrumentos de medida. **Revista de Atenção à Saúde**, v. 14, n. 49, p. 98-103, 2016.

DA COSTA, Leda Maria. O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n. 13, p. 493-507, 2017.

DAL PUPO, J.; DETANICO, D.; SANTOS, S. G. **Pesquisa quantitativa em educação física: métodos e técnicas investigativas**. Curitiba: Appris, 2022.

DE ALMEIDA, Caroline Soares. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil. **FuLiA/UFGM**, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2019.

DEN HARTIGH, R. J.; HILL, Y.; VAN GEERT, P. L. The development of talent in sports: A dynamic network approach. **Complexity**, v. 2018, n. 1, p. 9280154, 2018.

EIGNOR, Daniel R. The standards for educational and psychological testing. 2013.

EMMONDS, Stacey et al. Expanding our understanding of talent development environments in English female youth football: Player, parent and coach perspectives. **Journal of Sports Sciences**, p. 1-9, 2026.

ERICSSON, A. K., Krampe, R. T., & Tesch-Römer, C. (1993). The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, 100(3), 363–406. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.100.3.363>.

FERRANDO, P. J.; LORENZO-SEVA, U. A note on improving EAP trait estimation in oblique factor-analytic and item response theory models. *Psicológica*, v. 37, n. 2, p. 235-247, 2016.

Folha de S.Paulo. *Futebol é praticado por 6% das mulheres no Brasil, aponta Datafolha*. São Paulo, 17 ago. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2023/08/futebol-e-praticado-por-6-das-mulheres-no-brasil-aponta-datafolha.shtml>. Acesso: 20 de janeiro de 2026.

FORD, P. R., Hodges, N. J., Broadbent, D., O'Connor, D., Scott, D., Datson, N., Andersson, H. A., & Williams, A. M. (2020). The developmental and professional activities of female international soccer players from five high-performing nations. **Journal of Sports Sciences**, 38(11–12), 1432–1440. <https://doi.org/10.1080/02640414.2020.1789384>.

FORD, P. R., Ward, P., Hodges, N. J., & Williams, A. M. (2009). The role of deliberate practice and play in career progression in sport: The early engagement hypothesis. **High Ability Studies**, 20(1), 65–75. <https://doi.org/10.1080/13598130902860721>.

FORD, Paul R. et al. The developmental activities of elite soccer players aged under-16 years from Brazil, England, France, Ghana, Mexico, Portugal and Sweden. **Journal of sports sciences**, v. 30, n. 15, p. 1653-1663, 2012.

FORD, Paul R.; WILLIAMS, A. Mark. Sport activity in childhood: Early specialization and diversification. **Routledge handbook of talent identification and development in sport**, p. 116-132, 2017.

FORD, Paul R.; YATES, Ian; WILLIAMS, A. Mark. An analysis of practice activities and instructional behaviours used by youth soccer coaches during practice: Exploring the link between science and application. **Journal of sports sciences**, v. 28, n. 5, p. 483-495, 2010.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLEDHILL, Adam; HARWOOD, Chris. A holistic perspective on career development in UK female soccer players: A negative case analysis. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 65-77, 2015.

GLEDHILL, Adam; HARWOOD, Chris. Developmental experiences of elite female youth soccer players. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 12, n. 2, p. 150-165, 2014.

GLEDHILL, Adam; HARWOOD, Chris. Toward an understanding of players' perceptions of talent development environments in UK female football. **Journal of applied sport psychology**, v. 31, n. 1, p. 105-115, 2019.

GLEDHILL, Adam; HARWOOD, Chris; FORSDYKE, Dale. Psychosocial factors associated with talent development in football: A systematic review. **Psychology of sport and exercise**, v. 31, p. 93-112, 2017.

GOSLING, M.; GONÇALVES, C. A. Modelagem por Equações Estruturais: conceitos e aplicações. **Revista de Administração FACES**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 83-95, ago./dez. 2003.

GRECO, Pablo Juan; PRAÇA, Gibson Moreira; MORALES, Juan Carlos Pérez. **Iniciação Esportiva Universal**. CECA. Módulo. 2019.

GRECO, Pablo; MEMMERT, Daniel; MORALES, Juan CP. The effect of deliberate play on tactical performance in basketball. **Perceptual and motor skills**, v. 110, n. 3, p. 849-856, 2010.

GUARDA, Dionara et al. Validação de instrumento de avaliação da metodologia ativa de sala de aula invertida. **Educação e pesquisa**, v. 49, 2023.

HAUSER, Luca-Lars et al. Talent development environments within sports: a scoping review examining functional and dysfunctional environmental features. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 17, n. 2, p. 1105-1131, 2024.

BARREIRA, Júlia; LEMES, Rodrigo; GALATTI, Larissa Rafaela. Trajectories and professional skills of high-level women's football managers in Brazil. In: **Women's Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives Vol 1. Brazil**. Cham: Springer International Publishing, 2022. p. 145-162.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; LEAL, Daniel. O sucesso por trás dos números: uma análise sobre os recordes de audiência no futebol de mulheres. **ALCEU**, v. 24, n. 52, p. 142-157, 2024.

LAW, M., Côté, J., & Ericsson, K.A. (2007). Characteristics of expert development in rhythmic gymnastics: A retrospective study. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, 5, 82–103.

LAYTON, Matthew; TAYLOR, Jamie; COLLINS, Dave. The measurement, tracking and development practices of English professional football academies. **Journal of Sports Sciences**, v. 41, n. 18, p. 1655-1666, 2023.

LORENZO-SEVA, U.; FERRANDO, P. J. A simulation-based scaled test statistic for assessing model-data fit in least-squares unrestricted factor-analysis solutions. *Methodology*, v. 19, p. 96-115, 2023. DOI: 10.5964/meth.9839.

LEDESMA, Rubén; IBAÑEZ, Gabriel Molina; MORA, Pedro Valero. Análisis de consistencia interna mediante Alfa de Cronbach: un programa basado en gráficos dinámicos. **Psico-USF**, v. 7, n. 2, p. 143, 2002.

MACHADO, Guilherme, Sixto González-Víllora & Israel Teoldo (2022): Contribution of deliberate practice, play, and futsal to the acquisition of decision-making skills in Brazilian professional female soccer players, **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, DOI: 10.1080/1612197X.2022.2161101.

MACHADO, Guilherme; GONZÁLEZ-VÍLLORA, Sixto; TEOLDO, Israel. Contribution of deliberate practice, play, and futsal to the acquisition of decision-making skills in Brazilian professional female soccer players. **International journal of sport and exercise psychology**, v. 22, n. 3, p. 756-774, 2024.

MACHADO, Guilherme; GONZALEZ-VILLORA, Sixto; TEOLDO, Israel. Two genders, different roads? Comparing talent development pathways between female and male elite football players in Brazil. **International Journal of Sports Science & Coaching**, p. 17479541251377537, 2025.

MASCARIN, Rafaela Bevilaqua; VICENTINI, Lucas; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. Brazilian women elite futsal players' career development: diversified experiences and late sport specialization. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 25, n. 2, p. e101968, 2019.

NOBRE, Fábio Chaves et al. A amostragem na pesquisa de natureza científica em um campo multiparadigmático: peculiaridades do método qualitativo. **Revista Espacios**, v. 38, n. 22, p. 13, 2017.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de; PERIM, Gianna Lepre. Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática. 2009.

OLIVEIRA, Ronielton Rezende; MARINHO, Marlon Finelli Avendanha; DIAS, Alexandre Teixeira. Um estudo sobre a utilização da modelagem de equações estruturais na produção científica nas áreas de administração e sistemas de informação. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 9, n. 4, p. 559-578, 2016.

PASQUALI, L. Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração. Brasília: LabPAM/IBAPP, 2005.

PASQUARELI, L. (1999). Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração. Brasília: LabPAM / IBAP.

PRIMI, Ricardo. Psicometria: fundamentos matemáticos da Teoria Clássica dos Testes. **Avaliação Psicológica**, v. 11, n. 2, p. 297-307, 2012.

ROCA, André; FORD, Paul R. Developmental activities in the acquisition of creativity in soccer players. **Thinking Skills and Creativity**, v. 41, p. 100850, 2021.

SANTOS, S. et al. Effects of manipulating ball type on youth footballers' performance during small-sided games. *International Journal of Sports Science & Coaching*, v. 15, n. 2, p. 170–183, abr. 2020.

SARDINHA, Esperança Machado. A estrutura do futebol feminino no Brasil. **Revista Hórus**, v. 6, n. 01, p. 92-110, 2011.

SILVA, André Luiz dos Santos; NAZÁRIO, Patrícia Andrioli. Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, p. e40862, 2018.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J. Métodos de pesquisa em atividade física. **Artmed Editora**, 2009.

UEDA, Lucas Shoití Carvalho et al. Impact of the number of players on the emergence of creative movements in small-sided soccer games: a systematic review emphasizing deliberate practice. **Frontiers in Psychology**, v. 14, p. 1253654, 2023.

UEHARA, L; BUTTON, C.; SAUNDERS, J.; ARAÚJO, D.; FALCOUS, M.; DAVIDS, K. Malandragem and Ginga: Sociocultural constraints on the development of expertise and skills in Brazilian football. *International Journal of Sports Science & Coaching*, c.16, n.3, p.622635, 2020.

UEHARA, Luiz; BUTTON, Chris; DAVIDS, Keith. Sport expertise development and the constraints-led approach: a review exemplified by the case of Brazilian soccer. **Conexões**, v. 17, p. e019001-e019001, 2019.

URBINA, Susana. **Essentials of psychological testing**. John Wiley & Sons, 2014.

VAEYENS, Roel et al. Talent identification and development programmes in sport: current models and future directions. **Sports medicine**, v. 38, n. 9, p. 703-714, 2008.

WILLIAMS, A.M., & Ward, P. (2007). Perceptual-cognitive expertise in sport: Exploring new horizons. In G. Tenenbaum & R. Eklund (Eds.), **Handbook of sport psychology** (3rd ed., pp. 203–223). New York: Wiley.

CAPÍTULO II

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONSTRUÇÃO E REUNIÃO DE EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE UM QUESTIONÁRIO PARA AVALIAR A FASE DE EXPERIMENTAÇÃO ESPORTIVA DE JOVENS JOGADORAS DE FUTEBOL FEMININO (QEEF-FEM).

RESUMO

O processo de desenvolvimento de jogadoras de futebol envolve a compreensão das trajetórias e experiências adquiridas durante a infância e a adolescência. No Brasil, instrumentos desenvolvidos para avaliar essas experiências esportivas iniciais são escassos. Portanto, o presente estudo teve como objetivo construir e coletar evidências de validade para o Questionário de Avaliação da Fase de Experimentação Esportiva de Jovens Jogadoras de Futebol (QEEF-Fem), um instrumento psicométrico fundamentado no Modelo de Ativos Pessoais (PAF), para avaliar a fase de experimentação esportiva de jovens atletas do sexo feminino. A pesquisa foi conduzida em quatro etapas: validade de face, validade de conteúdo, validade de construto e consistência interna. Inicialmente, 45 itens foram desenvolvidos e avaliados por atletas e especialistas. Após duas rodadas de validação de conteúdo, 38 itens permaneceram. Para a validação de construto, 391 atletas do sexo feminino, com idades entre 12 e 17 anos (média de $14,6 \pm 1,8$ anos), representando 15 clubes profissionais da região sul do Brasil, foram recrutadas. Métodos psicométricos foram empregados para confirmar e validar o QEEF-Fem, incluindo Análise Fatorial Exploratória (AFE) com correlações policóricas, teste de esfericidade de Bartlett e medidas de Kaiser-Meyer-Olkin. A consistência interna foi avaliada utilizando o alfa de Cronbach, o ômega de McDonald e a confiabilidade composta. Os resultados indicaram cargas fatoriais satisfatórias nas três dimensões do PAF: Engajamento Pessoal em Atividades, Dinâmica Social de Qualidade e Ambientes Adequados. Os índices de confiabilidade atingiram limiares aceitáveis para estudos exploratórios, confirmando a estabilidade do instrumento. Concluiu-se que o QEEF-Fem fornece evidências válidas e confiáveis para avaliar as experiências esportivas iniciais no futebol feminino, refletindo a interação entre as dimensões pessoal, contextual e relacional do desenvolvimento da atleta. O QEEF-Fem representa uma ferramenta contextualizada a realidade brasileira que pode ser utilizada para investigar as trajetórias de desenvolvimento de jovens jogadoras de futebol no Brasil.

Palavras-chave: Futebol feminino; Validação psicométrica; Modelo dos Ativos Pessoais.

INTRODUÇÃO

O futebol feminino vem evidenciando um crescimento exponencial, ganhando popularidade em seu número de praticantes, o que, aos poucos, se converte em um maior interesse da comunidade científica (Barreira; Lames; Galatti, 2022; Barreira et al., 2022). O processo de formação de jogadoras no futebol perpassa pela compreensão dos caminhos e experiências adquiridas durante a infância e a adolescência (Gledhill; Harwood, 2014; Ford et al., 2012; Machado; González-Víllora; Teoldo, 2024). Esse processo é moldado pela interação entre diferentes contextos que fomentam o desenvolvimento esportivo e humano das futebolistas. A agenda investigativa aponta que, nos anos iniciais do desenvolvimento das atletas, o foco deve ser em experiências multiesportivas, baseadas nas características gerais dos esportes e na integração dessas experiências (Côté, Turnnidge e Vierimaa, 2016; Den Hartigh; Hill; Van Geert, 2018).

Nesse sentido, o *Personal Assets Framework* (PAF) de Côté, Turnnidge e Vierimaa (2016) representa o processo de formação esportiva a longo prazo entre três engrenagens com potencial para influenciar o desenvolvimento de jovens atletas. As engrenagens que movem o processo formativo são: (a) contexto de prática, que se refere ao contexto físico e competitivo que compõe o ambiente de prática dos atletas; (b) engajamento pessoal em atividades, cuja participação em uma variedade de práticas esportivas pode contribuir para um resultado positivo no desenvolvimento esportivo a longo prazo; e (c) relações interpessoais, que dizem respeito à relação com o esporte e à exposição a diferentes agentes (i.e., companheiros de equipe, treinadores, dirigentes e pais).

A relação em conjunto destas engrenagens compõe a promoção dos PAFs no desenvolvimento de atletas (Côté et al., 2020). Com o desenvolvimento esportivo e o aumento da idade, as crianças e os adolescentes passam a se apropriar dos elementos tático-técnicos do jogo (Côté et al., 2014; Barth et al., 2021). Côté, Baker e Abernethy (2007) destacam a importância da interação entre as experiências a serem praticadas pelas crianças e adolescentes durante a infância, caracterizadas como prática deliberada (i.e., treino estruturado) e o jogo deliberado (i.e., brincadeiras e jogos espontâneos). De acordo com o modelo teórico, a presença do jogo deliberado deve predominar durante os anos de experimentação esportiva, em comparação com as demais fases formativas, a fim de que as crianças tenham a oportunidade de

vivenciar múltiplas atividades esportivas com maior autonomia e ludicidade (Côté et al., 2020).

Apesar disso, as informações referentes às características das práticas do jogo deliberado na fase de experimentação esportiva são contraditórias. Enquanto alguns estudos indicam que há uma maior diversidade na participação esportiva de meninas na infância (Machado; González-Víllora; Teoldo, 2024; Ford et al., 2020), os estudos de Andrew et al. (2024) e Hendry et al. (2019) indicam que as jogadoras que atingiram os maiores níveis profissionais acumularam mais horas de prática específica na infância, com uma alta carga de prática deliberada.

No contexto brasileiro, o desenvolvimento de jovens no futebol enfrenta desafios específicos relacionados a questões socioculturais, estruturais e de investimento (Salmela; Rabelo; Moraes, 2004). Estudos recentes reforçam essa particularidade, ao analisar a trajetória de campeãs mundiais brasileiras de handebol sob a lente do PAF, Lima et al. (2022), identificaram que a qualidade das relações interpessoais foi determinante para atenuar as precariedades dos contextos de prática nos anos iniciais. Tais achados evidenciam que a interação entre as engrenagens do PAF no Brasil pode ocorrer de maneira distinta da observada em outros países.

Apesar do crescimento recente da modalidade, ainda são escassos os estudos que analisam de forma sistemática o contexto de prática de jogadoras brasileiras durante sua infância e adolescência. Com isso, as inconsistências teóricas e metodológicas reforçam a necessidade de serem utilizados instrumentos válidos e também específicos para avaliar as experiências esportivas vivenciadas por jogadoras de futebol em diferentes contextos. O Questionário de Histórico de Participação (PHQ), desenvolvido por Ford et al. (2010), por exemplo, foi validado para contextos masculinos e em língua inglesa, baseando-se em premissas culturais distintas da realidade brasileira, que pode não captar os contrastes do desenvolvimento esportivo no Brasil.

Portanto, construir e reunir evidências de validade de um instrumento voltado à análise dos contextos de prática de jogadoras de futebol permitirá a obtenção de evidências mais precisas e válidas em relação ao público alvo. Para a avaliação de experiências e/ou fatos retrospectivos recomenda-se o uso de testes psicométricos, os quais exigem a utilização de métodos adequados e padronizados, ancorados em evidências de relevância científica (Pasquali, 2005; Urbina, 2014). Assim, o presente estudo tem como objetivo construir e reunir evidências de validade de um instrumento

psicométrico que avalie a fase de experimentação esportiva de jovens jogadoras de futebol, fundamentado nas engrenagens do Personal Assets Framework (PAF) (Côté; Turnnidge; Vierimaa, 2016). Parte-se da hipótese de que a fase de experimentação esportiva de jovens jogadoras é influenciada pela interação entre as dimensões pessoais, contextuais e relacionais, refletindo a estrutura do PAF.

MÉTODOS

Desenho do estudo

O estudo de cunho psicométrico, por meio da construção e da reunião de evidências de validade de um questionário (Thomas; Nelson; Silverman, 2009), fundamentado nas engrenagens do PAF (Côté; Turnnidge; Vierimaa, 2016). O questionário apresenta escalas de resposta ordenadas para medir opiniões, atitudes ou comportamentos. As escalas são do tipo Likert, que permitem ao participante expressar o grau de concordância, satisfação ou frequência em cada expressão. As opções são apresentadas de forma sistemática. As escalas são: I) engajamento pessoal (i.e., como a participação em uma variedade de práticas esportivas pode contribuir para um resultado positivo no desenvolvimento esportivo a longo prazo); II) relações interpessoais (i.e., a relação com o esporte e sua exposição com diferentes agentes, como companheiros de equipe, treinadores, dirigentes e pais); III) contexto de prática (i.e., o contexto físico e competitivo que compõem o ambiente de prática dos atletas).

O processo de validação foi realizado a partir das recomendações do “*Standards*” produzido pela American Psychological Association (APA). A validação de instrumentos psicométricos é comumente constituída por três procedimentos (Pasquali, 1999): os procedimentos teóricos (validade de conteúdo), os procedimentos empíricos (validade de face), e os procedimentos estatísticos (validade de constructo e a consistência interna dos itens). Deste modo, contemplam-se diferentes camadas da validação do instrumento.

As questões do instrumento foram elaboradas pelos autores, considerando os indicadores previamente organizados em uma matriz analítica, construída a luz das engrenagens do PAF. Assim, foram elaboradas inicialmente 45 questões (11 questões de engajamento pessoal; 15 questões das relações interpessoais; 19 Contexto de

Prática). No presente estudo, quatro etapas de análise foram realizadas seguindo a ordem: I) validade de face; II) validade de conteúdo (clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica); III) validade de construto (análise fatorial exploratória); e IV) consistência interna dos constructos, a partir dos itens Alfa de Cronbach, Confiabilidade de Composta e o Ômega de McDonald.

Validade de face

A validade de face avaliou se a aparência do questionário é compreensível e adequada para os seus usuários. Entretanto, a literatura recomenda que essa etapa seja acompanhada pela validade de conteúdo (Masuwai; Zulkifli; Hamzah, 2024; Mackison et al, 2010; Hair et al., 2013). Para esta etapa de validação, o questionário foi aplicado com um grupo piloto de 45 jovens jogadoras de um clube de futebol do estado do Paraná que fazem parte das categorias de base de um clube profissional, com idades entre 12 e 17 anos.

Validade de conteúdo

A validade de conteúdo é compreendida como fundamental para avaliar o grau de representatividade do instrumento em relação aos constructos teóricos que se propõe a mensurar (Alexandre e Coluci, 2011; Haynes; Richard; Kubany, 1995). Para este estudo, foram avaliados os seguintes critérios: clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica do questionário. Esta etapa foi conduzida com a participação de especialistas selecionados por conveniência, com base nos seguintes critérios: (a) Ter o título de doutor(a) em Educação Física; (b) Atuar como professor universitário; (c) Ter publicações sobre formação de jovens no esporte; (d) Possuir produções voltadas para formação e desenvolvimento de jovens no futebol; e (e) Ter experiência prévia com outros processos de validação.

O contato com os especialistas ocorreu por meio de correio eletrônico, acompanhado de um convite e de uma breve contextualização da pesquisa. Dessa forma, esta etapa contou com a participação de dez especialistas ($n = 10$). As respostas aos itens foram obtidas em uma escala *Likert* de cinco pontos, variando de 1 a 5 (1 = não pertinente; 5 = pertinente). Foram a partir das 45 questões elaboradas inicialmente empregou-se o índice de validade de conteúdo (IVC), considerando

aceitáveis as questões acima 0,80 (Wynd et al., 2003; Alexandre, N. M.C. & Coluti, M.Z.O. 2011).

Validade de constructo

A validade de constructo busca estabelecer uma correspondência entre a estrutura teórica proposta e a hipótese empírica investigada (Cunha; de Almeida Neto; Stackfleth, 2016; Collares; Grec; Machado, 2012). Assim, este estudo utilizou a aplicação do instrumento com 391 atletas, a fim de observar a relação entre os constructos teóricos e o modelo proposto. Para tanto, a análise fatorial exploratória (AFE) foi empregada considerando os estimadores de ajuste manuais com três fatores, com o método fatorial WLS com rotação oblíqua e matriz de correlação policórica, visando avaliar a estrutura fatorial do instrumento (Ferrando; Lorenzo-Seva, 2016; Lorenzo-Seva, U & Ferrando, 2023). Deste modo, buscou-se verificar a coerência entre a fundamentação teórica e as evidências empíricas obtidas, consolidando as evidências de validade de constructo (Cunha; de Almeida Neto; Stackfleth, 2016; Collares; Grec; Machado, 2012).

Consistência interna dos itens

A consistência interna foi avaliada a partir do nível de estabilidade das respostas, conforme descrito por Primi (2012) e Cunha; de Almeida Neto; Stackfleth (2016). O objetivo foi verificar se o conjunto de respostas obtidas reflete o mesmo conjunto de constructos teóricos subjacentes (Cascaes da Silva et al., 2015; Ledesma; Ibañez; Mora, 2002). Desse modo, os seguintes indicadores foram utilizados: Alfa de Cronbach com o objetivo de medir a homogeneidade dos itens, o ômega de McDonald para estimar de forma mais precisa a confiabilidade do modelo a partir de suas cargas fatoriais, e a confiabilidade composta que retrata a extensão que as cargas fatoriais dos itens do instrumento mensuram os constructos latentes, variando de 0 a 1, sendo que valores mais próximos de 1 indicam maior consistência interna entre os itens (Hair et al., 2019; Taber, 2018).

Procedimentos de coleta

As atletas responderam ao questionário de maneira presencial e coletiva durante a visita aos clubes. Os seguintes critérios de inclusão foram adotados: (I) ter entre 12 e 17 anos; (II) atletas vinculadas às equipes de futebol dos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul que disputassem competições organizadas pelas respectivas federações estaduais. Deste modo, o período de coleta de dados ocorreu entre os meses de junho e setembro de 2025, com o objetivo de aplicar o questionário e compreender os contextos de prática do futebol feminino. A amostra contou com a participação de 391 atletas representando 15 clubes profissionais de futebol.

Aspectos éticos de pesquisa

O presente projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina e obteve parecer favorável (Processo nº 7.517.417). Todos os procedimentos éticos foram respeitados, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos responsáveis e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) das participantes.

Análise dos dados

Os dados foram organizados em uma planilha Microsoft Excel e analisados no software JASP 0.95.2.0. A validade de face foi avaliada por meio do coeficiente V de Aiken (Aiken, 1980), que considera os valores inferiores a 0,70 indicam baixa validade de conteúdo, valores entre 0,70 e 0,80 são considerados altos; já valores superiores a 0,80 são considerados muito altos a excelente validade de conteúdo. A validade de conteúdo foi avaliada por meio do índice de validade de conteúdo (IVC), considerando itens com pontuação 4 ou 5 por, pelo menos, 80% dos especialistas conforme recomendado por Wynd et al. (2003). A etapa de validade de constructo foi examinada por meio da Análise Fatorial Exploratória (AFE), com rotação *oblimin* e matriz de correlação policórica. Foram considerados aceitáveis os fatores com cargas ≥ 0.300 . O modelo foi verificado a partir dos testes de K.M.O. (Kaiser-Meyer-Olkin) com carga fatorial de corte $\geq 0,600$ (Kaiser, 1974; Nkansah, 2018). Desse modo, na confiabilidade

dos dados foram utilizados o coeficiente alfa (α) de Cronbach, Ômega (ω) de McDonald e a Confiabilidade Composta (CC), adotando-se valores $\geq 0,600$ como aceitáveis para estudos exploratórios (Taber, 2018; Kline, 2015).

RESULTADOS

Validade de face

O processo de obtenção de evidências de validade do instrumento iniciou-se com a etapa de validação de face, a partir da aplicação do questionário em 45 atletas de futebol com idade entre 12 e 17 anos, integrantes das categorias de base de uma equipe de futebol profissional de futebol feminino. A Tabela 1 descreve os resultados obtidos na etapa de validação de face, considerando as respostas da escala Likert de 1 a 5, e apresenta os valores de média, desvio padrão e coeficiente V de Aiken. Considerando as respostas obtidas nos sete itens avaliados, observou-se uma avaliação positiva das atletas participantes.

Tabela 1 – Validade de face do questionário, considerando a escala de 1 a 5.

	Média (DP)	V de Aiken	Qualitativo*
Item 1 – Questões claras e compreensíveis	4,29 (0,78)	0,82	Muito alta
Item 2 – Avaliação das experiências	4,42 (0,71)	0,85	Muito alta
Item 3 – Dificuldade no entendimento	1,89 (1,18)	0,78	Alta
Item 4 – Confusão ou ambiguidade	1,91 (1,26)	0,77	Alta
Item 5 – linguagem adequada	4,31 (1,05)	0,82	Muito alta
Item 6 – Gostou de responder	4,62 (0,85)	0,90	Muito alta
Item 7 – Disposição para responder novamente	4,42 (1,27)	0,85	Muito alta

Nota: 1 = você acha que as questões que constituem o questionário estão claras e compreensíveis? 2 = você acha que as questões avaliam as experiências esportivas vividas no futebol e no futsal? 3 = você sentiu dificuldade de entender o questionário? 4 = você sentiu que alguma pergunta ficou confusa ou ambígua? 5 = as perguntas usam linguagem adequada para a sua idade? 6 = você gostou de responder o questionário? 7 = você responderia novamente este questionário? Escala = 1 - não pertinente; 5 - pertinente.

Validade de conteúdo

A validade de conteúdo foi avaliada por 10 professores doutores em Educação Física. Em pregou-se o IVC, considerando aceitáveis as questões acima de 0,80. Desse modo, das 45 questões previamente elaboradas, 3 questões ficaram com

IVC_{médio} abaixo de 0,80 e foram removidas (IVC_{médio}=0,73) na primeira rodada de avaliação. Outras 15 questões passaram por uma nova rodada de validação, após ajustes textuais sugeridos pelos especialistas (IVC_{médio}=0,86). Na segunda rodada de avaliação, os especialistas sugeriram a exclusão de 4 questões (IVC_{médio} = 0,73), ficando o questionário com 38 questões (tabela 2).

Tabela 2 – Nota atribuída pelos especialistas à validade de conteúdo (IVC).

	1ª rodada				2ª rodada			
	CL	PP	RT	IVC _{médio}	CL	PP	RT	IVC _{médio}
1	0,89	1,00	1,00	0,96	--	--	--	--
2	0,89	1,00	1,00	0,96	--	--	--	--
3	0,89	1,00	1,00	0,96	--	--	--	--
4	0,78	0,67	0,67	0,71*	X	X	X	--
5	1,00	1,00	1,00	1,00	--	--	--	--
6	1,00	1,00	1,00	1,00	--	--	--	--
7	1,00	1,00	1,00	1,00	--	--	--	--
8	0,78	1,00	1,00	0,93	--	--	--	--
9	0,78	1,00	1,00	0,93	--	--	--	--
10	1,00	1,00	1,00	1,00	--	--	--	--
11	0,67	1,00	1,00	0,89	1,00	0,90	0,90	0,93
12	0,89	1,00	0,89	0,93	--	--	--	--
13	0,67	0,89	0,89	0,82	0,60	0,80	0,80	0,73
14	0,78	0,89	0,78	0,82	0,90	1,00	1,00	0,97
15	1,00	1,00	1,00	1,00	--	--	--	--
16	0,67	1,00	1,00	0,89	0,90	0,90	0,90	0,90
17	0,89	1,00	1,00	0,96	--	--	--	--
18	0,89	0,78	0,89	0,85	1,00	0,90	0,90	0,93
19	0,78	0,89	0,89	0,85	0,90	0,90	0,90	0,90
20	0,67	1,00	1,00	0,89	0,90	1,00	1,00	0,97
21	0,89	1,00	1,00	0,96	--	--	--	--
22	0,89	0,89	0,89	0,89	--	--	--	--
23	0,89	1,00	1,00	0,96	--	--	--	--
24	0,89	1,00	1,00	0,96	--	--	--	--
25	0,78	0,89	0,89	0,85	0,90	0,90	1,00	0,93
26	0,89	1,00	1,00	0,96	--	--	--	--
27	0,89	0,89	1,00	0,93	--	--	--	--
28	0,78	1,00	0,89	0,89	0,90	1,00	1,00	0,97
29	0,89	1,00	1,00	0,96	--	--	--	--
30	0,89	1,00	0,89	0,93	--	--	--	--
31	0,78	0,89	0,89	0,85	0,80	0,70	0,70	0,73*
32	0,67	0,89	0,89	0,82	0,80	0,90	0,80	0,83
33	0,78	0,89	0,89	0,85	1,00	0,90	0,90	0,93
34	0,78	1,00	1,00	0,93	0,90	1,00	1,00	0,97
35	0,78	0,89	0,89	0,85	0,50	0,70	0,70	0,63*
36	1,00	1,00	1,00	1,00	--	--	--	--
37	0,44	0,89	0,78	0,70*	X	X	X	--
38	0,89	0,89	1,00	0,93	--	--	--	--
39	0,56	1,00	0,78	0,78*	X	X	X	--
40	0,89	1,00	1,00	0,96	--	--	--	--
41	0,78	0,89	0,78	0,82	0,60	0,70	0,70	0,67*
42	0,89	0,89	0,78	0,85	0,80	0,90	0,90	0,87
43	1,00	1,00	1,00	1,00	--	--	--	--
44	0,78	1,00	1,00	0,93	1,00	1,00	1,00	1,00
45	1,00	1,00	1,00	1,00	--	--	--	--

Nota: CL = Clareza de Linguagem; PP = Pertinência Prática; RT = Relevância Teórica; X = Questões eliminadas; * = IVC < 0,8

Validade de construto

O teste de Shapiro-Wilk foi aplicado aos 38 itens inseridos na análise fatorial exploratória, confirmando a assimetria entre os dados. Todos os itens apresentaram Skewness e Kurtosis dentro dos limites estabelecidos (Skewness entre -3 e +3 e Kurtosis entre -10 e +10). Assim, 17 questões apresentaram cargas fatoriais acima de 0.300 (Tabela 3).

Tabela 3 – Descrição dos valores por média, desvio padrão, variação e Shapiro-Wilk.

Dimensões	Item	Média $\pm$ DP	Variância	Skewness	Kurtosis	Shapiro-wilk*
Engajamento Pessoal	Q1	4.62 $\pm$ 0.87	0.758	-2.679	6.923	0.497
	Q2	4.35 $\pm$ 0.95	0.907	-1.540	1.814	0.703
	Q3	4.54 $\pm$ 0.93	0.873	-2.299	4.803	0.556
	Q4	4.14 $\pm$ 1.14	1.300	-1.148	0.161	0.746
	Q5	3.70 $\pm$ 1.23	1.531	-0.580	-0.773	0.858
	Q6	3.67 $\pm$ 1.36	1.849	-0.718	-0.714	0.833
	Q7	4.22 $\pm$ 1.19	1.429	-1.522	1.187	0.680
	Q8	4.23 $\pm$ 1.15	1.341	-1.425	0.911	0.695
	Q9	2.45 $\pm$ 1.25	1.573	0.666	-0.512	0.867
Relações Interpessoais	Q10	4.60 $\pm$ 0.83	0.692	-2.115	3.500	0.536
	Q11	4.67 $\pm$ 0.82	0.684	-2.816	7.646	0.454
	Q12	4.18 $\pm$ 1.33	1.791	-1.467	0.708	0.644
	Q13	4.20 $\pm$ 1.15	1.337	-1.306	0.567	0.712
	Q14	4.27 $\pm$ 0.84	0.715	-1.156	1.230	0.776
	Q15	4.23 $\pm$ 1.03	1.078	-1.347	1.051	0.739
	Q16	4.54 $\pm$ 0.82	0.677	-2.018	3.967	0.609
	Q17	3.35 $\pm$ 1.25	1.574	-0.247	-1.055	0.896
	Q18	4.11 $\pm$ 0.92	0.855	-0.962	0.608	0.816
	Q19	3.96 $\pm$ 1.02	1.040	-0.836	0.093	0.841
	Q20	4.14 $\pm$ 0.93	0.866	-1.098	1.061	0.803
	Q21	3.57 $\pm$ 1.16	1.350	-0.547	-0.523	0.886
	Q22	3.20 $\pm$ 1.50	2.250	-0.221	-1.376	0.861
	Q23	3.49 $\pm$ 1.37	1.878	-0.594	-0.900	0.853
Contexto de Prática	Q24	3.92 $\pm$ 1.18	1.408	-0.934	-0.051	0.817
	Q25	4.06 $\pm$ 0.97	0.952	-0.957	0.408	0.820
	Q26	4.27 $\pm$ 1.12	1.265	-1.556	1.421	0.682
	Q27	3.51 $\pm$ 1.24	1.558	-0.378	-0.966	0.884
	Q28	4.36 $\pm$ 1.02	1.054	-1.755	2.469	0.666
	Q29	4.17 $\pm$ 0.93	0.880	-1.116	0.756	0.790
	Q30	3.97 $\pm$ 1.06	1.124	-0.906	0.114	0.830
	Q31	3.60 $\pm$ 1.39	1.951	-0.632	-0.896	0.838
	Q32	4.17 $\pm$ 0.88	0.782	-1.006	0.817	0.805
	Q33	3.32 $\pm$ 1.28	1.654	-0.194	-1.016	0.896
	Q34	3.76 $\pm$ 1.11	1.253	-0.593	-0.417	0.867
	Q35	3.79 $\pm$ 1.10	1.228	-0.728	-0.171	0.862
	Q36	3.09 $\pm$ 1.18	1.406	0.054	-0.961	0.910
	Q37	3.53 $\pm$ 1.14	1.306	-0.275	-0.978	0.889
	Q38	1.94 $\pm$ 1.22	1.495	1.150	0.171	0.758

Nota: DP = Desvio Padrão * p-valor <0.05.

O teste de esfericidade de Bartlett ($X^2 = 2480,715$; $df = 153$, $p < 0,001$) e o Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) = 0.702 indicaram adequação e interoperabilidade da matriz de correlação dos itens. Assim, a AFE foi construída com base nas três escalas recomendadas pela estrutura teórica do modelo (Engajamento pessoal; Relações interpessoais; Contexto de prática). (Kline, 2015). Assim, 17 questões apresentaram cargas fatoriais acima de 0,300, conforme apresentado na Tabela 4.

Tabela 4 – Estrutura Fatorial do questionário.

Nº	Questão	Engajamento Pessoal	Relações Interpessoais	Contexto de Prática
Q2	Gostava de jogar futebol/futsal com outras crianças, sem a presença de professores(as).	0.364*	-0.024	0.059
Q5	Tinha muito interesse em praticar outras modalidades esportivas além do futebol/futsal.	0.411*	0.079	-0.194
Q6	Praticar outras modalidades esportivas me gerava mais interesse pelo futebol/futsal.	0.446*	0.210	-0.200
Q7	Pratiquei futebol com meus amigos(as) na rua.	0.651*	-0.092	0.137
Q8	Eu experimentei diversos jogos e brincadeiras na rua.	0.663*	-0.080	0.115
Q10	Meus pais me apoiaram a jogar futebol/futsal.	0.138	0.720*	0.116
Q11	Meus pais me apoiaram a praticar esportes.	-0.108	0.805*	0.041
Q12	Meus irmãos e/ou irmãs me apoiavam a jogar futebol/futsal.	0.178	0.587*	-0.017
Q15	Meus professores(as) de Educação Física me apoiaram a praticar esportes.	0.239	0.497*	0.035
Q16	Tinha ótima relação com os meus professores(as) de Educação Física na escola.	0.308	0.429*	-0.105
Q21	Tínhamos uma boa relação com os árbitros durante os jogos.	0.294	0.311*	0.066
Q22	Os campeonatos dos quais participei adaptaram o tamanho do campo e das traves para a minha idade.	0.112	0.304*	0.001
Q23	Os campeonatos que participei adaptavam as regras de jogo para a minha idade.	0.254	0.333*	0.039
Q29	Os ambientes escolares de prática esportiva eram acolhedores.	-0.012	0.057	0.686*
Q30	Os clubes que participei proporcionaram um ambiente seguro e bem estruturado de prática esportiva, com bolas novas, uniformes, água e vestiários.	0.146	0.069	0.507*
Q32	Os ambientes dos projetos sociais voltados ao futebol/futsal eram acolhedores.	0.054	0.044	0.625*
Q36	O futebol/futsal feminino era valorizado na minha cidade.	0.137	0.122	0.312*
--	Confiabilidade Composta	0.638	0.734	0.619
--	Alfa de Cronbach	0.561	0.669	0.623
--	Ômega de McDonald	0.579	0.554	0.618

Nota: * = ≥ 0.300 .

Consistência interna

A consistência interna de modelo unifatorial foi avaliada por meio dos coeficientes de Alfa de Cronbach ($\alpha = 0,745$), Ômega de McDonalds ($\omega = 0.705$), os quais indicaram bons níveis de fidedignidade interna. A confiabilidade composta apresentou valores de 0,638; 0,734 e 0.619, considerados adequados para estudos exploratórios, adotando-se o ponto de corte ≥ 0.600 (Taber, 2018; Kline, 2015). Deste modo, os dados indicam que o instrumento apresenta boa consistência interna.

Interpretação do Questionário

Para análises de inferência sobre o instrumento é recomendado trabalhar com a média apresentada em cada um dos fatores, por fim uma média gral, considerando os valores reportados nos três fatores, possibilitando uma análise unidimensional e multidimensional do instrumento (Tabela 5).

Tabela 5 – Interpretação das escalas do questionário

Escola	Conceito	Questões	Escore
Engajamento pessoal em atividades	A variedade nas práticas esportivas pode contribuir para resultados positivos no desenvolvimento atlético a longo prazo.	Q1; Q3; Q6; Q9; Q11	Soma das questões / 5
Relações Interpessoais	A relação com o esporte e a exposição a diferentes agentes, como colegas de equipe, treinadores, dirigentes e pais.	Q02; Q04; Q05; Q08; Q10; Q12; Q13; Q15	Soma das questões / 8
Contexto de prática	O contexto físico e competitivo que compõe o ambiente de prática dos atletas.	Q07; Q14; Q16; Q17	Soma das questões / 4
Escala geral	Avaliar a fase de experimentação esportiva de jovens jogadoras de futebol à luz dos equipamentos da PAF.	Engajamento pessoal em atividades + Relações Interpessoais + Contexto de prática	Soma das escalas / 3

DISCUSSÃO

O presente estudo teve por objetivo construir e reunir evidências de validade de um instrumento psicométrico para avaliar a fase de experimentação esportiva de jovens jogadoras de futebol à luz das engrenagens do PAF. Para tanto, diferentes etapas foram realizadas para atestar a validade psicométrica do questionário. As evidências obtidas nos procedimentos de validade de face, validade

de conteúdo, validade de constructo e da consistência interna dos itens indicaram que o questionário, composto por dezessete itens, apresentou validade psicométrica satisfatória para avaliar a fase de experimentação esportiva de jovens jogadoras de futebol.

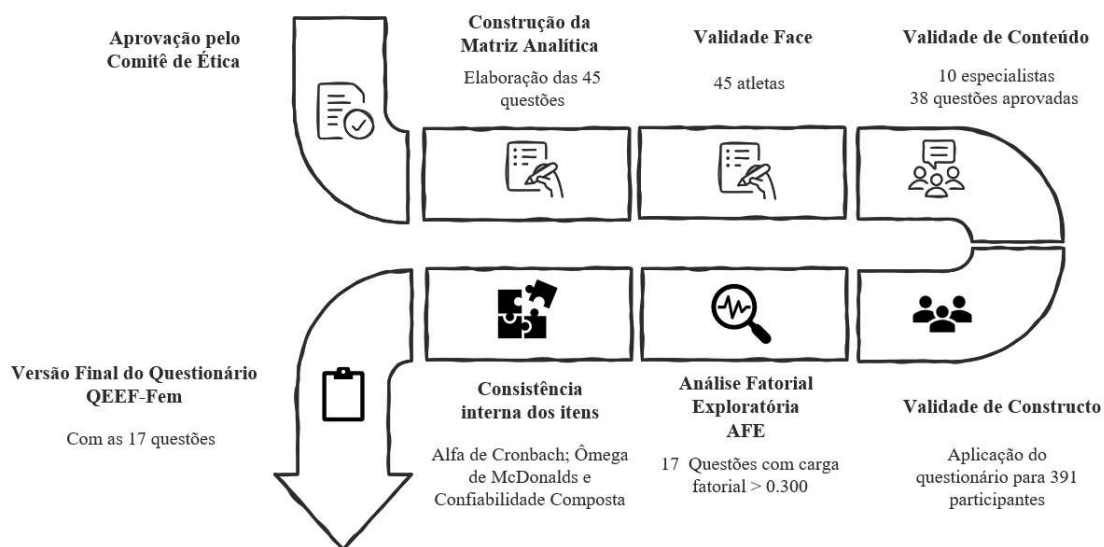
Na etapa de validade de face, o coeficiente V de Aiken (Aiken, 1980) demonstrou valores superiores a 0,70, indicando alta coerência entre as participantes quanto à aparência e clareza dos itens. As questões 4 e 5 apresentam em sua estrutura uma análise negativa sobre o instrumento, com isso, sua interpretação dever ser considerada de modo contrário aos das demais questões (i. e. quanto menor o V de Aiken, maior o entendimento das participantes sobre as questões do questionário). Considerando que valores acima de 0,70 são aceitos como adequados, os achados deste estudo reforçam a robustez do instrumento. Resultados semelhantes foram reportados por Masuwai, Zulkifli e Hamzah (2024), ao destacarem que altos índices de clareza e relevância favorecem a aceitação prática do instrumento pelos respondentes. Assim, os resultados de validade de face sustentam que o questionário foi considerado válido pelas atletas com idades entre 12 e 17 anos.

Em relação à validade de conteúdo, observou-se que, ao final trinta e oito questões foram avaliadas de forma satisfatória pelos especialistas, com o Índice de Validade de Conteúdo (IVC) acima de 0,80 – parâmetro comumente aceito na literatura (Rahman et al., 2021; Van Cleave et al., 2025). Esses resultados indicam que os itens apresentam clareza, pertinência e relevância teórica adequadas ao construto proposto.

Na sequência, a AFE demonstrou adequação dos testes de esfericidade e revelou uma estrutura fatorial consistente. As cargas fatoriais acima de 0,300, conforme os critérios de Ferrando e Lorenzo-Seva (2016) e Lorenzo-Seva e Ferrando (2023), indicam representatividade satisfatória das variáveis, o item Q16 apresentou carga fatorial acima da nota de corte em dois constructos, porém por estar com maior poder fatorial no seu constructo correspondente a questão foi mantida no modelo. Em consonância, o instrumento apresentou estrutura semelhante à reportada por Rechenchosky et al. (2022). Além disso, Taber (2018) e Kline (2015) indicam que, em estudos exploratórios, valores acima de 0,600 são considerados aceitáveis para atestar a consistência interna do instrumento. Com isso, os coeficientes de confiabilidade alfa de Cronbach (0,745), ômega de McDonald (0,705) e confiabilidade composta (0,638; 0,734; 0,619) permanecem dentro dos limites aceitáveis,

demonstrando consistência interna adequada do instrumento composto por 17 questões. A etapa psicométrica representada na Figura 1.

Figura 1 – Processo de construção e reunião das evidências de validade.



Fonte: O autor.

Superada a etapa psicométrica, as evidências obtidas dialogam com os pressupostos teóricos do *Personal Assets Framework* (PAF). O questionário desenvolvido reflete as engrenagens centrais do modelo, atendendo às suas representações conceituais. Estudos prévios, como o de Lima et al. (2023), já haviam demonstrado a adequação do PAF para analisar o desenvolvimento de atletas brasileiras. Assim, o presente estudo reforça essa perspectiva, ao evidenciar que o instrumento contempla dimensões fundamentais do modelo (i.e. engajamento pessoal, relações interpessoais e contexto de prática) possibilitando uma compreensão contextualizada das experiências esportivas vivenciadas por jovens jogadoras de futebol.

De maneira complementar, os achados de Andrew et al. (2024), conduzidos com jogadoras profissionais e ex-jogadoras na Inglaterra, identificaram que aquelas que atingiram o nível profissional iniciaram sua prática mais cedo e tiveram maior exposição a jogos deliberados e a outras modalidades. Esses resultados convergem com a proposta do PAF, ressaltando a importância do engajamento diversificado nos primeiros anos de formação. Por outro lado, Machado, González-Víllora e Teoldo (2022) observaram que jogadoras brasileiras com maior habilidade de tomada de

decisão apresentaram maior envolvimento em práticas deliberadas e em experiências com o futsal. Esses estudos, em conjunto, corroboram as dimensões do PAF, reforçando o impacto das interações entre o engajamento pessoal, as relações interpessoais e o contexto de prática no processo formativo das atletas.

Por fim, a principal limitação a ser reconhecida refere-se à ausência de análise de confiabilidade temporal (teste-reteste) impossibilitou verificar a estabilidade das respostas ao longo do tempo. Apesar disso, o conjunto de evidências psicométricas sustenta a validade e a confiabilidade do questionário.

CONCLUSÃO

O presente estudo apresentou as etapas de criação e de obtenção de diferentes evidências de validade do Questionário de Experiências Esportivas no Futebol Feminino (QEEF-Fem), o qual se apresenta válido para medir a fase de experimentação esportiva de jovens jogadoras de futebol no Brasil, bem como compreende uma ferramenta válida e aplicável em contextos esportivos e acadêmicos. Além de possibilitar investigações voltadas a compreensão das experiências esportivas de jogadoras de futebol, o instrumento pode ser utilizado por treinadores, coordenadores pedagógicos e professores de Educação Física para caracterizar as experiências esportivas das jogadoras e auxiliar na proposição de ajustes nas práticas de formação esportiva. Assim, o QEEF-Fem contribui não apenas para a avaliação prática, mas também para o avanço teórico sobre o desenvolvimento esportivo feminino no Brasil.

Por se tratar de um estudo exploratório, recomenda-se que outras análises sejam realizadas nos estudos futuros de aperfeiçoamento do instrumento, como a análise fatorial confirmatória, testes de invariância e observados elementos da teoria de resposta ao item.

REFERÊNCIAS

- AIKEN, L. R. Content validity and reliability of single items or questionnaires. *Educational and Psychological Measurement*, v. 40, n. 4, p. 955-959, 1980.
- ALEXANDRE, N. M. C.; COLUCI, M. Z. O. Content validity in the development and adaptation processes of measurement instruments. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 7, p. 3061, 2011.
- AMERICAN EDUCATIONAL RESEARCH ASSOCIATION; AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION; NATIONAL COUNCIL ON MEASUREMENT IN EDUCATION. *Standards for educational and psychological testing*. Washington, DC: American Educational Research Association, 2014.
- ANDREW, M. et al. Talent development in female Football: Developmental activities of professional players in England. *Journal of Sports Sciences*, v. 42, n. 10, p. 853-864, 2024.
- BAKER, J.; COBLEY, S.; FRASER-THOMAS, J. What do we know about early sport specialization? Not much! *High Ability Studies*, v. 20, n. 1, p. 77-89, 2009.
- BARREIRA, J.; GONÇALVES, M. C. R.; MEDEIROS, D. C. C. D.; GALATTI, L. R. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. *Movimento*, v. 24, p. 607-618, 2018.
- BARREIRA, Júlia; LEMES, Rodrigo; GALATTI, Larissa Rafaela. Trajectories and professional skills of high-level women's football managers in Brazil. In: **Women's Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives Vol 1. Brazil**. Cham: Springer International Publishing, 2022. p. 145-162.
- BARTH, M. et al. Retirement of professional Football players – A systematic review from social sciences perspectives. *Journal of Sports Sciences*, v. 39, n. 8, p. 903-914, 2021.
- CASCAES DA SILVA, F. et al. Estimadores de consistencia interna en las investigaciones en salud: el uso del coeficiente alfa. *Revista Peruana de Medicina Experimental y Salud Pública*, v. 32, p. 129-138, 2015.
- COLLARES, C. F.; GREC, W. L. P.; MACHADO, J. L. M. Psicometria na garantia de qualidade da educação médica: conceitos e aplicações. *Sci Health*, v. 3, n. 1, p. 33-49, 2012.
- CORTINA, J. M. What is coefficient alpha? An examination of theory and applications. *Journal of Applied Psychology*, v. 78, n. 1, p. 98, 1993.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J.; VIERIMAA, M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. *Science & Sports*, v. 29, p. S63-S69, 2014.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. In: TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. (org.). *Handbook of Sport Psychology*. 3. ed. Hoboken: Wiley, 2007. p. 184-202.

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; VIERIMAA, M. A personal assets approach to youth sport. In: ROUTLEDGE HANDBOOK OF YOUTH SPORT. London: Routledge, 2016. p. 243-255.

CÔTÉ, J. et al. Youth sport research: Describing the integrated dynamics elements of the Personal Assets Framework. *International Journal of Sport Psychology*, v. 51, n. 6, p. 562-578, 2020.

CUNHA, C. M.; ALMEIDA NETO, O. P.; STACKFLETH, R. Principais métodos de avaliação psicométrica da validade de instrumentos de medida. *Revista de Atenção à Saúde*, v. 14, n. 47, p. 75-83, 2016.

DEN HARTIGH, R. J.; HILL, Y.; VAN GEERT, P. L. The development of talent in sports: A dynamic network approach. *Complexity*, v. 2018, n. 1, p. 9280154, 2018.

FERRANDO, P. J.; LORENZO-SEVA, U. A note on improving EAP trait estimation in oblique factor-analytic and item response theory models. *Psicológica*, v. 37, n. 2, p. 235-247, 2016.

FORD, P. R.; WILLIAMS, A. M. The developmental activities engaged in by elite youth Football players who progressed to professional status compared to those who did not. *Psychology of Sport and Exercise*, v. 13, n. 3, p. 349-352, 2012.

FORD, P. R. et al. The developmental and professional activities of female international Football players from five high-performing nations. In: *Science and Football*. London: Routledge, 2023. p. 236-244.

FORD, P. R.; WARD, P.; HODGES, N. J.; WILLIAMS, A. M. The role of deliberate practice and play in career progression in sport: the early engagement hypothesis. *High Ability Studies*, v. 20, n. 1, p. 65-75, 2009.

FORD, P. R.; YATES, I.; WILLIAMS, A. M. An analysis of practice activities and instructional behaviours used by youth Football coaches during practice: Exploring the link between science and application. *Journal of Sports Sciences*, v. 28, n. 5, p. 483-495, 2010.

GLEDHILL, A.; HARWOOD, C. Developmental experiences of elite female youth Football players. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, v. 12, n. 2, p. 150-165, 2014.

HAIR, J. F. et al. *Essentials of Marketing Research*. 3. ed. New York: McGraw Hill, 2013.

HAYNES, S. N.; RICHARD, D.; KUBANY, E. S. Content validity in psychological assessment: A functional approach to concepts and methods. *Psychological Assessment*, v. 7, n. 3, p. 238, 1995.

HENDRY, D. T. et al. Developmental activities and perceptions of challenge for national and varsity women Football players in Canada. *Psychology of Sport and Exercise*, v. 43, p. 210-218, 2019.

KLINE, R. B. *Principles and Practice of Structural Equation Modeling*. New York: Guilford Publications, 2015.

LEDESMA, R.; IBÁÑEZ, G. M.; MORA, P. V. Análisis de consistencia interna mediante Alfa de Cronbach: un programa basado en gráficos dinámicos. *Psico-USF*, v. 7, n. 2, p. 143, 2002.

LIKERT, R. Escala de Likert. 1932.

LIMA, L. A. D.; REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; GALATTI, L. R. Engagement in athletic career: A study of female Brazilian handball world champions. *International Journal of Sports Science & Coaching*, v. 18, n. 4, p. 1056-1066, 2023.

LORENZO-SEVA, U.; FERRANDO, P. J. A simulation-based scaled test statistic for assessing model-data fit in least-squares unrestricted factor-analysis solutions. *Methodology*, v. 19, p. 96-115, 2023. DOI: 10.5964/meth.9839.

MACHADO, G.; GONZÁLEZ-VÍLLORA, S.; TEOLDO, I. Contribution of deliberate practice, play, and futsal to the acquisition of decision-making skills in Brazilian professional female Football players. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, v. 22, n. 3, p. 756

MACKISON, D.; WRIEDEN, W. L.; ANDERSON, A. S. Validity and reliability testing of a short questionnaire developed to assess consumers' use, understanding and perception of food labels. *European Journal of Clinical Nutrition*, v. 64, n. 2, p. 210-217, 2010.

MASUWAI, A.; ZULKIFLI, H.; HAMZAH, M. I. Evaluation of content validity and face validity of secondary school Islamic education teacher self-assessment instrument. *Cogent Education*, v. 11, n. 1, 2308410, 2024.

MCDONALD, R. P. *Test Theory: A Unified Treatment*. New York: Psychology Press, 2013.

MORAES, L. C.; RABELO, A. S.; SALMELA, J. H. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, p. 211-222, 2004.

PASQUALI, L. *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM/IBAPP, 2005.

PASQUALI, L. *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. In: _____. *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM/IBAPP, 1999. p. 306-306.

PRIMI, R. Psicometria: fundamentos matemáticos da Teoria Clássica dos Testes. *Avaliação Psicológica*, v. 11, n. 2, p. 297-307, 2012.

RAHMAN, M. A.; YUSOFF, M. S. B.; ROSLAN, N. S.; MOHAMMAD, J. A. M.; AHMAD, A. Development and validation of the medical professional's resilience scale. *BMC Health Services Research*, v. 21, n. 1, 482, 2021.

RECHENCHOSKY, L. et al. Adaptation and validation of a test for the evaluation of tactical knowledge in Football: Test De Conocimiento Táctico Ofensivo en Fútbol for the Brazilian context (TCTOF-BRA). *Frontiers in Psychology*, v. 13, 849255, 2022.

TABER, K. S. The use of Cronbach's alpha when developing and reporting research instruments in science education. *Research in Science Education*, v. 48, n. 6, p. 1273-1296, 2018.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. *Métodos de pesquisa em atividade física*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

URBINA, S. *Essentials of Psychological Testing*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2014.

VAN CLEAVE, J. H. et al. Using content validity index methodology for cross-cultural translation of a patient-reported outcome measure for head and neck cancer. *Frontiers in Health Services*, v. 5, 1582127, 2025.

WYND, C. A.; SCHMIDT, B.; SCHAEFER, M. A. Two quantitative approaches for estimating content validity. *Western Journal of Nursing Research*, v. 25, n. 5, p. 508-518, 2003.

CAPÍTULO III

2.2 O CONTEXTO DE PRÁTICA DE JOVENS JOGADORAS DE FUTEBOL: UMA ANÁLISE BASEADA NO PERSONAL ASSETS FRAMEWORK

RESUMO

O desenvolvimento esportivo de jovens jogadoras de futebol envolve múltiplos fatores individuais, sociais e contextuais, sendo ainda escassas as investigações sobre o cenário feminino no Brasil. O presente estudo teve como objetivo caracterizar o contexto de prática nos anos iniciais de jovens jogadoras brasileiras e analisar a relação entre variáveis da trajetória esportiva e dimensões psicossociais à luz do *Personal Assets Framework* (PAF). Participaram do estudo 339 atletas entre 12 e 17 anos (média de $14,99 \pm 1,31$ anos), vinculadas a 14 clubes profissionais da região Sul do país. Os dados foram coletados por meio do Questionário de Experiências Esportivas no Futebol Feminino (QEEF-Fem), aplicado presencialmente, e analisados com modelos de regressão logística ordinal. Os resultados indicaram que as atletas iniciaram o treinamento formal em média aos $8,80 \pm 2,64$ anos e competições aos $10,83 \pm 2,23$ anos, acumulando $6,13 \pm 2,60$ anos de experiência esportiva. A infância foi marcada por perfil multiesportivo (média de $4,55 \pm 2,77$ modalidades), com predominância de futebol (92,3%) e futsal (86,4%). A diversidade de modalidades praticadas associou-se positivamente ao Engajamento Pessoal (EP) (OR = 1,48; IC95%: 1,16–1,89; pHolm = 0,023), e a idade também apresentou associação positiva com EP (OR = 1,27; IC95%: 1,10–1,49; pHolm = 0,007). Não foram observadas associações significativas entre trajetória esportiva e Relações Interpessoais (RI), Contexto de Prática (CP) ou escore global do QEEF-Fem. Conclui-se que jovens jogadoras brasileiras apresentam trajetória caracterizada por diversificação esportiva na infância e ingresso competitivo adequado. A diversidade de práticas e o avanço etário relacionam-se a maior engajamento pessoal, reforçando que a qualidade das experiências esportivas é determinante para o desenvolvimento. Os achados sustentam recomendações para programas de formação no futebol feminino, como valorização da diversificação inicial e cautela frente à especialização precoce.

Palavras-chave: Futebol feminino; Personal Assets Framework; Desenvolvimento Esportivo

INTRODUÇÃO

O processo de desenvolvimento esportivo é multifatorial, influenciado pela interação de fatores individuais, sociais e contextuais (Côté, 1999; Den Hartigh; Hill; Van Geert, 2018). Nesse sentido, a compreensão das experiências em que as jogadoras de futebol se envolvem durante seus anos de formação esportiva contribui significativamente para o desempenho especializado (Ford et al., 2012; Ford; Williams, 2012). Embora essa área tenha grande interesse em analisar jogadores do sexo masculino, carece de produções que se analisem o contexto de formação no futebol feminino (Andrew et al., 2024).

O envolvimento nas experiências esportivas decorre da interação entre a prática deliberada e o jogo deliberado no processo de formação (Ericsson; Krampe; Tesch-Römer, 1993; Côté et al., 2009). Ford et al. (2020) apontam que jogadoras de futebol adultas apresentam uma maior vivência de práticas esportivas na fase de especialização quando comparado com o período dos anos de experimentação esportiva. Em contraponto, outras produções indicam que as jogadoras que atingiram os maiores níveis profissionais acumularam mais horas de prática específica na infância, com uma alta carga de prática deliberada (Andrew et al., 2024; Hendry et al., 2019).

O Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP) divide o desenvolvimento esportivo em diferentes etapas do processo de formação: i) Anos de experiência esportiva (6–12 anos); ii) Anos de especialização (13–15 anos); iii) Anos de investimento (dos 16 anos até a idade adulta); e iv) Especialização precoce (dos 6 anos até a idade adulta) (Côté; Baker; Abernethy, 2007) que associado ao Personal Assets Framework (PAF) (Côté; Turnnidge; Vierimaa, 2016), tem sustentado investigações sobre a formação esportiva de jovens. Considerando a interação entre as fases do desenvolvimento esportivo apresentado no modelo, e as “engrenagens” dos ativos pessoais. Assim, indicando que a qualidade das experiências não depende apenas da quantidade de horas de prática, mas também do contexto e das interações sociais construídas (Côté; Vierimaa, 2014).

Enquanto no futebol masculino há evidências robustas sobre a especialização precoce de jovens (i. e. predominância de experiências de prática deliberada) (Ford et al., 2009; Ford; Williams, 2012). No futebol feminino, a análise requer cautela e parcimônia. Já que alguns estudos referem que há uma maior diversidade na

participação esportiva das mulheres na infância (Machado; González-Víllora; Teoldo, 2024; Ford et al., 2020). Porém, outras produções retratam que as jogadoras que atingiram os maiores níveis profissionais acumularam uma alta carga de prática deliberada na infância.

Desse modo, o desenvolvimento esportivo é um processo moldado pela influência direta do contexto e das interações sociais vivenciadas nos anos iniciais (Côté & Vierimaa, 2014; Côté et al., 2016). Sob essa premissa, embora o Brasil seja reconhecido globalmente pela formação de jogadoras com elevado domínio técnico e tático (Uehara et al., 2020; Ueda et al., 2023), ainda há uma lacuna de estudos que caracterizem os ambientes práticos que permitem tal desenvolvimento. Diante da necessidade de compreender como essas trajetórias se estruturam, o presente estudo objetiva caracterizar o contexto de prática de jovens jogadoras brasileiras e analisar a relação entre suas trajetórias esportivas e as dimensões psicossociais desse processo a luz do PAF.

MÉTODOS

Participantes

O presente estudo contou com as mesmas participantes do estudo 1, considerando as atletas que assinalaram todos os tópicos de identificação do questionário. Assim, contando com 339 jogadoras de futebol vinculadas a 14 clubes profissionais dos três estados da região sul do Brasil (141 do Paraná, 139 de Santa Catarina e 59 do Rio Grande do Sul), todos associados às respectivas federações estaduais de futebol. As jogadoras foram alocadas em categorias de idade competitiva (Sub-12, Sub-13, Sub-14, Sub-15, Sub-16 e Sub-17). A média geral de idade das participantes foi de $14,99 \pm 1,31$ anos.

Procedimentos

A coleta de dados foi conduzida entre os meses de junho e setembro de 2025. Buscando a inclusão das jogadoras de futebol dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, propondo-se a aplicação do questionário e compreensão dos ambientes de prática do futebol feminino. O questionário foi aplicado com 14 equipes (4 equipes do estado do Paraná, 6 equipes do estado de Santa Catarina e 4 equipes do estado do Rio Grande do Sul).

Foram considerados os critérios de inclusão: a) ter entre 12 e 17 anos; b) jogadoras vinculadas às equipes de futebol dos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul que disputam competições organizadas pela FCF, FPF e FGF. Foram considerados os critérios de exclusão: a) não assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – (TALE) e/ou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE); b) ausência no dia da avaliação; c) participantes que não vivenciaram práticas esportivas (lutas e/ou esportes coletivos e/ou esportes individuais e/ou esportes aquáticos) entre os 6 e 12 anos de idade. As aplicações ocorreram de forma presencial, com tempo médio de respostas das participantes de 23 minutos.

Instrumento – Questionário

O instrumento utilizado para a avaliação das experiências esportivas foi o Questionário de Experiências Esportivas no Futebol Feminino (QEEF-Fem). O instrumento tem por objetivo avaliar a fase de experimentação esportiva de jovens jogadoras de futebol no contexto brasileiro, fundamentado nas engrenagens do PAF. O questionário possibilita compreender a relação entre: a) Relações Interpessoais (RI); b) Engajamento Pessoal (EP); c) Contexto de Prática (CP). Além de informações sobre as características das participantes, como: i) Local de nascimento; ii) Modalidades praticadas; iii) Tipo de escola; iv) Tempo prática; v) Idade que iniciou as práticas orientadas e vi) idade que começou a disputar competições. Dessa forma, o questionário fornece um parâmetro amplo do contexto de formação das jogadoras.

Aspectos éticos de pesquisa

O presente projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina com o parecer favorável (Processo nº 7.517.417). Todos os procedimentos éticos foram respeitados, com assinatura do TCLE dos responsáveis e TALE das participantes.

Análise estatística

Os dados foram organizados no Excel e analisados nos softwares JASP (0.95.2.0) e R (versão 4.4.2). Foram calculadas médias, desvios-padrão e frequências. As variáveis dependentes (EP, RI, CP e escore geral do QEEF-Fem) foram tratadas como ordinais (escala Likert de cinco pontos). As variáveis independentes foram

categorizadas em tercís: Quantidade de modalidades (T1: 1–3 modalidades; T2: 4-5 modalidades; T3: 6-13 modalidades), tempo de experiência (T1: 1–5 anos; T2: 6-8 anos; T3: 9-14 anos), idade de início no treinamento (T1: 1–7 ano; T2: 8-10 anos; T3: 11-15 anos) e idade que começou a disputar competições (T1: 4–10 anos; T2: 11-12 anos; T3: 13-16 anos). Modelos de regressão logística ordinal com função logit foram ajustados, com correção de p-valor pelo método de Holm (pHolm). O nível de significância adotado foi de 5%.

RESULTADOS

Os dados representados na Tabela 1 apresentam uma maior concentração ocorreu nas categorias Sub-15 (25,37%) e Sub-16 (20,66%), indicando que a maioria já se encontra na fase de investimento esportivo. Predominou o vínculo com escolas públicas (72,57%), sugerindo que o acesso ao futebol competitivo ocorre majoritariamente em contextos educacionais públicos. Quanto ao local de nascimento, 87,32% das atletas nasceram na região Sul, confirmando a representatividade regional da amostra. Observou-se diversidade quanto ao porte das cidades: 37,17% nasceram em cidades de médio porte e 29,5% em metrópoles, evidenciando que o futebol feminino atrai jovens tanto de grandes centros quanto de cidades menores.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico das jovens atletas de futebol (N = 399).

	n	%
Categoria		
12 anos	10	2,95
13 anos	55	16,22
14 anos	66	19,47
15 anos	86	25,37
16 anos	70	20,66
17 anos	52	15,34
Tipo de escola de estuda ou estudou		
Escola Pública	246	72,57
Escola Privada	93	27,43
Tamanho da cidade de nascimento*		
Pequeno Porte (< 100. mil habitantes)	71	20,94
Médio Porte (Entre 100 mil e 499.999 habitantes)	126	37,17
Grande Porte (Entre 500 mil e 999.999 habitantes)	37	10,91
Metrópole (> 1 milhão de habitantes)	100	29,50
Exterior	5	1,47
Representação dos locais de nascimento das regiões do Brasil		
Norte	6	1,77
Nordeste	8	2,36
Centro - Oeste	11	3,24
Sudeste	13	3,83
Sul	296	87,33
Exterior	5	1,47
Total de atletas participantes da pesquisa	339	100

Nota: * A classificação dos tamanhos das cidades segue os parâmetros do IBGE (2026)

Os resultados da tabela 2 relataram que as atletas relataram em média 6,13 $\pm$ 2,60 anos de experiência esportiva, iniciando o treinamento formal aos 8,80 $\pm$ 2,64 anos e competições aos 10,83 $\pm$ 2,23 anos. Entre os 6 e 12 anos, participaram de 4,55 $\pm$ 2,77 modalidades diferentes, caracterizando um perfil multiesportivo.

Tabela 2 - Indicadores de trajetória esportiva em anos (N = 399).

	Média	DP
Tempo de experiência	6.13	2.60
Idade que começou a treinar	8.80	2.64
Idade que começou a disputar competições	10.83	2.23
Modalidades praticadas	4.55	2.77

Nota: DP = desvio padrão

Quando observada a diversidade das modalidades vivenciadas o futebol (92,33%) e futsal (86,43%) foram as modalidades mais frequentes, seguidas por voleibol (43,66%), handebol (29,5%) e basquete (25,66%). Também houve

participação em práticas individuais, como natação (23,3%) e artes marciais (judô, capoeira, jiu-jitsu, entre outras), indicando diversidade de experiências motoras e sociais na infância, diversidade essa representada na tabela 3.

Tabela 3 – Diversidade de modalidades praticadas entre 6 e 12 anos (N = 339).

Modalidades	n	%	Modalidades	n	%
Futebol	313	92,33	Taekwondo	7	2,06
Futsal	293	86,43	Atletismo	6	1,77
Voleibol	148	43,66	Ginástica Artística	6	1,77
Corrida	101	29,79	Ginástica Rítmica	6	1,77
Handebol	100	29,50	Tênis De Mesa	5	1,47
Basquete	87	25,66	Futvolei	3	0,88
Capoeira	81	23,89	Beach Tennis	2	0,59
Natação	79	23,3	Badminton	2	0,59
Skate	70	20,65	Kung Fu	2	0,59
Judô	48	14,16	Patins	2	0,59
Balé	32	9,44	Patinação Artística	2	0,59
Boxe	26	7,67	Xadrez	2	0,59
Surf	22	6,49	Squash	1	0,29
Jiu-Jitsu	17	5,01	Parkour	1	0,29
Dança	15	4,42	Canoagem	1	0,29
Karatê	14	4,13	BMX	1	0,29
Muay Thai	13	3,83	Hipismo	1	0,29
Ginástica	11	3,24	Musculação	1	0,29
Rugby	10	2,95	Voleibol De Praia	1	0,29
Tênis	9	2,65	-	-	-

Os resultados iniciais permitem compreender o perfil sociodemográfico e a trajetória esportiva das jovens jogadoras de futebol da região Sul do Brasil, destacando tanto a predominância de experiências em escolas públicas quanto a diversidade de modalidades praticadas na infância. Essa caracterização fornece a base para análises mais aprofundadas sobre como tais variáveis se relacionam com dimensões psicossociais avaliadas pelo QEEF-Fem à luz do PAF.

Desse modo, quando associado os indicadores da trajetória esportiva (i. e. tempo de experiência, idade de início no treinamento e competições, e diversidade de modalidades) e os escores de EP, RI e CP, a dimensão EP foi a única associada de forma significativa às variáveis da trajetória esportiva. A quantidade total de modalidades praticadas mostrou associação positiva com os escores de EP (OR = 1,48; IC95%: 1,16–1,89; pHolm = 0,023), indicando que maior diversidade de práticas está relacionada a maior engajamento. As demais variáveis (i. e. tempo de experiência, idade de início no treinamento e em competições) não apresentaram associação significativa com EP após correção para múltiplos testes (pHolm > 0,05).

Para RI e CP, nenhuma variável da trajetória esportiva mostrou associação estatisticamente significativa. O escore geral do QEEF-Fem também não apresentou relação significativa com essas variáveis. As dimensões RI e CP, bem como o escore geral, não apresentaram variações significativas com a idade. (tabela 4)

Tabela 4 - Resultados dos modelos de regressão logística ordinal para as dimensões EP, RI e CP, e QEEF-Fem.

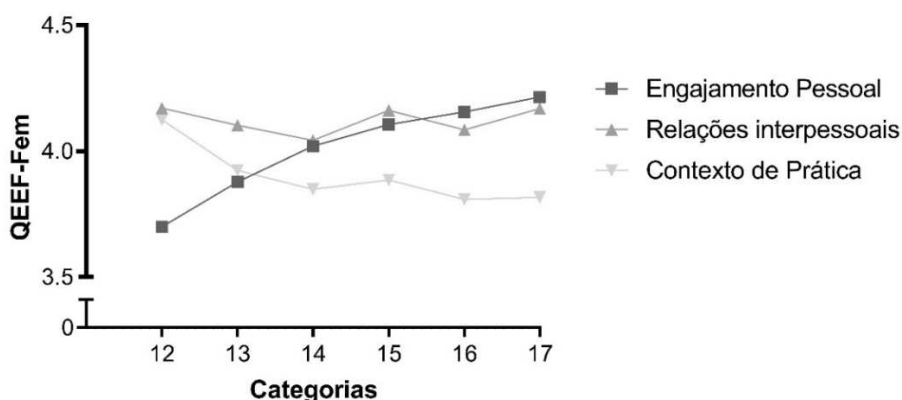
Dimensão	Preditor	OR (IC95%)	z	p	pHolm
EP	Quantidade total de práticas (T1–T3)	1,48 (1,16–1,89)	3,11	0,001	0,023*
EP	Tempo de experiência (T1–T3)	1,05 (0,81–1,37)	0,39	0,695	1,000
EP	Idade de início no treinamento (T1–T3)	1,22 (0,96–1,55)	1,60	0,111	1,000
EP	Idade de início em competições (T1–T3)	1,20 (0,92–1,56)	1,33	0,182	1,000
RI	Idade de início em competições (T1–T3)	0,72 (0,54–0,96)	–2,22	0,027	0,292
RI	Quantidade total de práticas (T1–T3)	0,81 (0,63–1,05)	–1,60	0,109	1,000
RI	Tempo de experiência (T1–T3)	1,17 (0,88–1,56)	1,09	0,277	1,000
RI	Idade de início no treinamento (T1–T3)	0,87 (0,67–1,13)	–1,06	0,287	1,000
CP	Quantidade total de práticas (T1–T3)	0,92 (0,73–1,17)	–0,67	0,502	1,000
CP	Tempo de experiência (T1–T3)	0,83 (0,64–1,07)	–1,43	0,153	1,000
CP	Idade de início no treinamento (T1–T3)	1,15 (0,90–1,47)	1,13	0,257	1,000
CP	Idade de início em competições (T1–T3)	1,01 (0,77–1,32)	0,06	0,950	1,000
QEEF-Fem	Quantidade total de práticas (T1–T3)	1,10 (0,86–1,41)	0,73	0,463	1,000
QEEF-Fem	Tempo de experiência (T1–T3)	1,00 (0,76–1,31)	–0,01	0,990	1,000
QEEF-Fem	Idade de início no treinamento (T1–T3)	1,10 (0,85–1,42)	0,72	0,474	1,000
QEEF-Fem	Idade de início em competições (T1–T3)	1,08 (0,82–1,43)	0,56	0,573	1,000

Nota: OR = odds ratio; IC95% = intervalo de confiança de 95%. Valores de OR representam a variação na chance de apresentar escores mais elevados nas dimensões do questionário a cada aumento de um tercil no preditor (T1→T2 ou T2→T3). Valores de pHolm foram ajustados pelo método de Holm–Bonferroni. * = resultados estatisticamente significativos após ajuste.

A análise por categoria etária revelou associação positiva entre idade e EP, cada ano adicional aumentou em 27% a chance de escores mais altos de engajamento ($OR = 1,27$; $IC95\%: 1,10-1,49$; $p_{Holm} = 0,007$). Esse padrão é ilustrado na Figura 1. Tendência crescente do EP entre 12 e 17 anos, ilustrando a associação positiva entre idade e escores de EP observada na análise por categoria etária. As dimensões RI e CP, bem como o escore geral, não apresentaram variações significativas com a idade.

Figura 1 – Gráfico da variação dos indicadores por categoria.

$F(15,999) = 1,137$, $p = 0,317$.



De forma semelhante, o escore geral do instrumento (QEEF-Fem) não apresentou associação significativa com a categoria etária. Embora o efeito estimado tenha sido positivo, indicando uma tendência de aumento dos escores com a idade, essa associação não alcançou significância estatística após o ajuste para múltiplos testes ($OR = 1,08$; $IC95\%: 0,92-1,25$; $p = 0,352$; $p_{Holm} = 0,950$).

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo caracterizar o contexto de prática nos anos iniciais de jovens jogadoras de futebol brasileiras e analisar a relação entre variáveis da trajetória esportiva e dimensões psicossociais à luz do PAF. Desse modo, os principais achados indicam que jovens jogadoras da região Sul do Brasil apresentam, em média, $6,13 \pm 2,60$ anos de experiência, iniciando o treinamento formal aos $8,80 \pm 2,64$ anos e a participação em competições aos $10,83 \pm 2,23$ anos, além de relatarem um perfil multiesportivo na infância (média de $4,55 \pm 2,77$

modalidades), mais precisamente na fase de experimentação esportiva proposta por Côté, Baker & Abernethy (2007) (entre 6 e 12 anos). A análise associativa mostrou que tanto uma maior diversidade de práticas quanto a idade, se relacionaram positivamente à um maior EP. Em contrapartida, não foram observadas associações significativas entre os indicadores de trajetória esportiva analisados e as dimensões RI e CP, nem com o escore global do instrumento.

Esses resultados, interpretados à luz do PAF, reforça que trajetórias e ambientes de desenvolvimento no futebol feminino devem ser analisados de modo multidimensional, incorporando quantidade e, sobretudo, qualidade das experiências (Côté; Lidor; Hackfort, 2009; Côté; Vierimaa, 2014; Bergeron et al., 2015; Peters; Hendry; Hodges, 2022).

Quando contrastados com o futebol masculino brasileiro, os valores se aproximam do início do contato sistemático com o jogo e do início de práticas deliberadas ($6,20 \pm 2,60$ e $8,40 \pm 2,60$ anos, respectivamente), mas divergem no ingresso competitivo: em meninos, esse marco foi reportado aos $8,80 \pm 2,20$ anos, aproximadamente dois anos antes (Machado et al., 2024). Esse descompasso temporal pode refletir, no futebol feminino, restrições estruturais (menor oferta e continuidade de programas, menor capilaridade de competições, barreiras socioculturais e de gênero), que historicamente limitam oportunidades e antecipação de transições competitivas para meninas (Clark & Paechter, 2007; Botelho & Agergaard, 2011; Côté & Hancock, 2016).

Nesse sentido, evidências sobre dinâmicas de gênero e normativas culturais em espaços esportivos desde a infância ajudam a sustentar a interpretação de que a entrada e permanência de meninas no futebol não dependem apenas de “preferência individual”, mas de condições de acesso e pertencimento socialmente produzidas (i.e., estereótipos, controle de espaços de brincadeira, aceitação e suporte) (Clark & Paechter, 2007; Botelho & Agergaard, 2011). Assim, o atraso relativo no ingresso competitivo pode ser menos um “padrão de desenvolvimento” e mais um efeito contextual (Clark & Paechter, 2007; Côté & Hancock, 2016).

A literatura internacional indica uma heterogeneidade nas trajetórias em função do país, do nível e do desenho metodológico dos estudos (Peters et al., 2022; Ford et al., 2020; Andrew et al., 2022). O contraste com contextos europeus, nos quais a inserção em estruturas formais pode ocorrer mais cedo, tem sido interpretado como efeito da maior densidade de academias, ligas e rotas de transição (Ford et al., 2020;

Andrew et al., 2024; Peters et al., 2022; Machado et al., 2024). Os marcos observados no presente estudo são próximos aos descritos para jovens atletas masculinos em países da CONCACAF ($6,50 \pm 2,30$ anos para a introdução ao jogo, $8,90 \pm 2,30$ para início de práticas supervisionadas e $10,80 \pm 2,10$ para o ingresso competitivo) (Andrew et al., 2022). Contudo, apesar da importância dos dados, evidências recentes com atletas participantes da Copa do Mundo de 2022 indicam que um início muito precoce em academias profissionais não é pré-requisito para alcançar o nível de Copa do Mundo, e que nos demais continentes, com exceção do europeu, observam-se inserções nas competições de forma mais tardia (Platvoet et al., 2023).

Ademais, embora estudos com jogadoras adultas de seleções de alto rendimento descrevem início mais precoce no contato com o futebol, no treino supervisionado e na participação em ligas quando comparadas ao cenário brasileiro aqui reportado (Ford et al., 2020; Güllich, 2019; Andrew et al., 2024), os resultados devem ser analisados com parcimônia. Boa parte dessa evidência é retrospectiva, derivada de recordatório, e muitas vezes representa populações que já superaram filtros de seleção e sobrevivência esportiva (Peters et al., 2022; Ford et al., 2020; Hendry et al., 2019). Além disso, a coexistência de trajetórias não lineares em alguns cenários (i. e. diferenças entre grupos de elite e subgrupos de elite em um mesmo país) reforça a noção de múltiplas rotas para o alto desempenho, o que é consistente com sínteses contemporâneas que questionam a especialização precoce como condição necessária para excelência (Côté et al., 2009; Güllich, 2014; Güllich et al., 2022; Platvoet et al., 2023).

O perfil multiesportivo encontrado é particularmente relevante quando interpretado pelo PAF: experiências diversificadas na fase de amostragem podem favorecer repertório motor, adaptabilidade, prazer e sustentação da participação, enquanto a especialização tende a ocorrer de modo progressivo, em ritmos modulados por maturação, oportunidades e qualidade do ambiente (Côté et al., 2009; Côté & Vierimaa, 2014; Bergeron et al., 2015; Güllich et al., 2022). A revisão sistemática de Peters et al. (2022) indica que, no futebol feminino, o envolvimento em outras modalidades é frequente e pode compor trajetórias de desenvolvimento, sobretudo em contextos nos quais o futebol não é o único (ou o principal) espaço de prática e socialização esportiva. No presente estudo, a coexistência frequente entre futebol/futsal e modalidades escolares (voleibol, handebol, basquetebol, corrida) sugere que, no Sul do Brasil, parte importante do “ecossistema” de formação ainda é

mediado por contextos educacionais e oportunidades locais de prática, o que é compatível com evidências de que o desenvolvimento esportivo depende de sistemas e oportunidades disponíveis no ambiente (Côté & Hancock, 2016; Henriksen et al., 2010; Peters et al., 2022).

A relação positiva entre idade e EP pode refletir mecanismos concomitantes. Primeiro, o avanço etário e a transição de categoria geralmente aumentam exigências, clareza de metas e identidade atlética, elementos que podem elevar engajamento autorrelatado (Côté & Vierimaa, 2014; Bergeron et al., 2015; Côté & Hancock, 2016). Segundo, é possível um efeito de retenção seletiva, no qual atletas com menor engajamento abandonam o esporte ao longo do percurso, elevando a proporção de atletas mais engajadas nas categorias superiores (Gallant et al., 2017; Zhang et al., 2022). Embora essas hipóteses sejam plausíveis, o desenho transversal impede inferências causais, reforçando a necessidade de investigações longitudinais que testem trajetórias de engajamento e abandono no futebol feminino, especialmente em contextos com maior vulnerabilidade estrutural (Adie et al., 2012; Zhang et al., 2022; Peters et al., 2022).

No Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva, a fase de experimentação esportiva e o jogo deliberado são descritos como experiências que favorecem prazer, motivação e manutenção no esporte, antes de transições posteriores para especialização ou investimento (Côté et al., 2009). Em jovens futebolistas, a percepção de suporte à autonomia e a satisfação de necessidades psicológicas básicas se associam longitudinalmente a melhores indicadores de bem-estar (Adie et al., 2012), o que sustenta a ideia de que experiências esportivas mais ricas e diversificadas contribuam para maior engajamento. Corroborando essa interpretação, uma síntese recente indica que a aderência na participação esportiva se associa a fatores psicossociais como competência percebida, suporte social e qualidade da experiência (Zhang et al., 2022). O efeito positivo da idade sobre o EP pode refletir aumento de demandas e identidade esportiva em categorias mais altas, além de possível retenção seletiva de atletas mais engajadas.

A ausência de interligação entre indicadores de trajetória e as dimensões RI e CP é, por si só, informativa. Embora a associação entre a idade de início em competições e as Relações Interpessoais não tenha atingido significância após a correção de Holm ($p_{\text{Holm}} = 0,292$), o p-valor bruto ($p = 0,027$) com um OR de 0,72 sugere uma tendência de que o ingresso precoce em ambientes competitivos pode

favorecer o desenvolvimento de laços sociais mais fortes. Esta nuance é crucial para treinadores, pois sugere que a competição, se bem gerida, é uma ferramenta de socialização e não apenas de pressão técnica.

Contudo, a análise global indica que percepções sobre relações (i.e. treinador-atleta, pares, família) e sobre contexto (i.e. organização, suporte, oportunidades e cultura do ambiente) podem ser mais sensíveis a fatores proximais e qualitativos do ecossistema atual do clube do que a marcadores quantitativos da infância (i.e. idade de início, tempo de prática ou diversidade de modalidades) (Henriksen et al., 2010; Li et al., 2015; Hauser et al., 2024). Essa leitura é coerente com abordagens que descrevem ambientes de desenvolvimento de talento como sistemas complexos e interdependentes (i.e. clima motivacional, suporte psicossocial, qualidade do treino, recursos, alinhamento entre família e clube) (Henriksen et al., 2010; Li et al., 2015; Hauser et al., 2024; Gledhill et al., 2017).

Do ponto de vista aplicado, os achados sustentam recomendações diretas para programas de formação no futebol feminino: a) preservar oportunidades de diversificação na infância e início da adolescência, evitando pressionar especialização precoce como norma; b) ampliar integração com escola e projetos comunitários, reconhecendo que parte importante do ecossistema formativo ainda ocorre fora do clube; c) investir deliberadamente na qualidade psicossocial do ambiente, especialmente em estratégias de comunicação, suporte à autonomia, construção de pertencimento e redes de apoio (treinador-atleta-família), uma vez que RI e CP tendem a refletir mais a qualidade do contexto atual do que o histórico de início esportivo; e d) mapear e mitigar barreiras de acesso e permanência (i.e. custo, deslocamento, estabilidade de competições), pois o desenvolvimento no futebol feminino é fortemente sensível às condições de oportunidade disponíveis (Bergeron et al., 2015; Côté & Hancock, 2016; Côté et al., 2009; Adie et al., 2012; Li et al., 2015; Henriksen et al., 2010; Andrew et al., 2025).

Por fim, algumas limitações devem ser consideradas. Primeiramente, os indicadores de trajetória e de práticas entre 6-12 anos são autorrelatados, portanto sujeitos a viés de memória e a variações de interpretação, o que é uma limitação comum em estudos retrospectivos de trajetórias esportivas (Peters et al., 2022; Ford et al., 2020; Hendry et al., 2019). Em segundo lugar, o estudo não capturou detalhadamente a qualidade das experiências (i.e. características do treino, clima motivacional, suporte à autonomia, estrutura de tarefas e oportunidades reais), o que

pode explicar parte dos resultados nulos em RI e CP e limita inferências sobre mecanismos, conforme apontado por abordagens e instrumentos centrados no ambiente de desenvolvimento e em seus recursos/qualidade (Henriksen et al., 2010; Li et al., 2015; Hauser et al., 2024). Terceiro, embora a amostra seja ampla e regionalmente representativa (14 clubes, três estados), generalizações para outras regiões do Brasil devem ser feitas com cautela, dado que políticas locais, infraestrutura e cultura esportiva podem alterar substancialmente o ecossistema formativo (Côté & Hancock, 2016; Andrew et al., 2025). Por fim, considerar as limitações do próprio questionário, que por se tratar de um processo de validação ainda exploratório, pode sofrer com alterações e maiores refinamentos futuros.

Estudos futuros devem priorizar delineamentos longitudinais e com métodos variados, combinando medidas do ambiente (i.e. questionários específicos de ambiente de desenvolvimento, avaliações de clima motivacional, observação do treino), dados objetivos de participação e métricas psicossociais ao longo do tempo, para compreender como diferentes configurações do ecossistema (clube-escola-família) favorecem as engrenagens do PAF e sustentam o engajamento e a permanência de meninas no futebol (Adie et al., 2012; Li et al., 2015; Hauser et al., 2024; Andrew et al., 2025).

CONCLUSÃO

Este estudo caracterizou o contexto de prática de jovens jogadoras de futebol da região Sul do Brasil e analisou sua relação com dimensões psicossociais à luz do *Personal Assets Framework*. Os resultados evidenciaram que a diversidade de modalidades praticadas na infância esteve positivamente associada ao engajamento pessoal, enquanto variáveis como tempo de experiência e idade de início no treinamento ou em competições não se relacionaram de forma significativa com as dimensões de relações interpessoais e contexto de prática. Tais achados sugerem que as percepções sociais e de suporte organizacional podem ser mais sensíveis à qualidade do ecossistema atual do clube do que a marcadores quantitativos da trajetória pregressa. Além disso, observou-se que o avanço de idade esteve associado a maiores níveis de engajamento, sugerindo que a progressão nas categorias competitivas favorece maior identidade e envolvimento das atletas.

Esses achados reforçam a importância de trajetórias multiesportivas na infância e da qualidade psicossocial dos ambientes de formação, destacando que o desenvolvimento esportivo feminino não depende apenas da quantidade de prática acumulada, mas também da diversidade e da riqueza das experiências vivenciadas. A predominância de vínculos com escolas públicas e a coexistência de modalidades escolares indicam que o ecossistema formativo ainda se apoia fortemente em contextos educacionais e locais, o que deve ser considerado em políticas e programas de desenvolvimento. Futuras pesquisas devem explorar longitudinalmente os efeitos da diversificação esportiva sobre a permanência, bem como ampliar a análise para diferentes regiões brasileiras. Em síntese, os resultados apontam que o desenvolvimento de jovens jogadoras deve ser compreendido como fruto da interação entre quantidade, diversidade e qualidade das experiências, reforçando a necessidade de ambientes formativos que valorizem tanto a prática multiesportiva quanto o suporte psicossocial.

REFERÊNCIAS

ADIE, J. W.; DUDA, J. L.; NTOUMANIS, N. Perceived coach autonomy support, basic need satisfaction and the well- and ill-being of elite youth soccer players: A longitudinal investigation. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 13, n. 1, p. 51–59, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2011.07.008>.

ANDREW, M. et al. Environmental factors associated with talent identification of women's youth national team soccer players in the United States. **PLOS ONE**, v. 20, n. 10, e0333065, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0333065>.

ANDREW, M. et al. Talent development in female soccer: Developmental activities of professional players in England. **Journal of Sports Sciences**, v. 42, p. 1–12, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/02640414.2024.2356434>.

ANDREW, M. et al. The developmental activities of skilled youth CONCACAF soccer players and the contribution of their development system. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 17, n. 6, p. 1363–1377, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/17479541211061036>.

BERGERON, M. F. et al. International Olympic Committee consensus statement on youth athletic development. **British Journal of Sports Medicine**, v. 49, n. 13, p. 843–851, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1136/bjsports-2015-094962>.

BOTELHO, Vera L.; AGERGAARD, Sine. Moving for the love of the game? **International migration of female footballers into Scandinavian countries**. *Soccer & Society*, v. 12, n. 6, p. 806-819, 2011.

CLARK, S.; PAECHTER, C. Why can't girls play football? Gender dynamics and the playground. **Sport, Education and Society**, v. 12, n. 3, p. 261–276, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1080/13573320701464085>.

CÔTÉ, J., & Vierimaa, M. (2014). The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. **Science & Sports**, 29(Supl.), 63-69 doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.scispo.2014.08.133>

CÔTÉ, J., Baker, J., & Abernethy, B. (2007). Play and practice in the development of sport expertise. In G. Tenenbaum & R. C. Eklund (Eds.), **Handbook of sport psychology** (3rd ed., pp. 184–202). Wiley.

CÔTÉ, J.; LIDOR, R.; HACKFORT, D. ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 1, p. 7-17, 2009.

CÔTÉ, J.; LIDOR, R.; HACKFORT, D. To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 1, p. 7–17, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/1612197X.2009.9671889>.

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; VIERIMAA, M. A personal assets approach to youth sport. In: ROUTLEDGE HANDBOOK OF YOUTH SPORT. London: Routledge, 2016. p. 243-255.

CÔTÉ, Jean; HANCOCK, David J. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International journal of sport policy and politics**, v. 8, n. 1, p. 51-65, 2016.

DEN HARTIGH, R. J.; HILL, Y.; VAN GEERT, P. L. The development of talent in sports: A dynamic network approach. **Complexity**, v. 2018, n. 1, p. 9280154, 2018.

ERICSSON, A. K., Krampe, R. T., & Tesch-Römer, C. (1993). The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, 100(3), 363–406. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.100.3.363>.

FORD, P. R. et al. The developmental and professional activities of female international soccer players from five high-performing nations. **Journal of Sports Sciences**, v. 38, n. 12, p. 1432–1440, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/02640414.2020.1789384>.

FORD, P. R.; WARD, P.; HODGES, N. J.; WILLIAMS, A. M. The role of deliberate practice and play in career progression in sport: the early engagement hypothesis. **High Ability Studies**, v. 20, n. 1, p. 65-75, 2009.

FORD, Paul R. et al. The developmental activities of elite soccer players aged under-16 years from Brazil, England, France, Ghana, Mexico, Portugal and Sweden. **Journal of sports sciences**, v. 30, n. 15, p. 1653-1663, 2012.

FORD, Paul R.; WILLIAMS, A. Mark. The developmental activities engaged in by elite youth soccer players who progressed to professional status compared to those who did not. **Psychology of sport and exercise**, v. 13, n. 3, p. 349-352, 2012.

GALLANT, François et al. Childhood sports participation and adolescent sport profile. **Pediatrics**, v. 140, n. 6, p. e20171449, 2017.

GLEDHILL, A.; HARWOOD, C.; FORSDYKE, D. Psychosocial factors associated with talent development in football: A systematic review. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 31, p. 93–112, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2017.04.002>.

GÜLLICH, A. “Macro-structure” of developmental participation histories and “micro-structure” of practice of German female world-class and national-class football players. **Journal of Sports Sciences**, v. 37, n. 12, p. 1347–1355, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/02640414.2018.1558744>.

GÜLLICH, Arne. Selection, de-selection and progression in German football talent promotion. **European journal of sport science**, v. 14, n. 6, p. 530-537, 2014.

GÜLLICH, Arne; MACNAMARA, Brooke N.; HAMBRICK, David Z. What makes a champion? Early multidisciplinary practice, not early specialization, predicts world-class performance. **Perspectives on Psychological Science**, v. 17, n. 1, p. 6-29, 2022.

HAUSER, Luca-Lars; HÖNER, Oliver; WACHSMUTH, Svenja. Links between environmental features and developmental outcomes of elite youth athletes: A cross-sectional study within the German talent pathway. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 71, p. 102569, 2024.

HENDRY, David T.; HODGES, Nicola J. Pathways to expert performance in soccer. **Journal of Expertise**, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2019.

HENRIKSEN, Kristoffer; STAMBULOVA, Natalia; ROESSLER, Kirsten Kaya. Holistic approach to athletic talent development environments: A successful sailing milieu. **Psychology of sport and exercise**, v. 11, n. 3, p. 212-222, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: resultados preliminares. 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 14 jan. 2026.

LI, Chunxiao et al. Further development of the talent development environment questionnaire for sport. **Journal of sports sciences**, v. 33, n. 17, p. 1831-1843, 2015.

MACHADO, G.; GONZÁLEZ-VÍLLORA, S.; PASTOR-VICEDO, J. C.; TEOLDO, I. Mapping talent pathways: A comparative study of developmental activities and practice structure in Brazilian and Spanish U-18 elite youth male soccer players. **International Journal of Sports Science & Coaching**, p. 1–10, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/17479541241241487>.

MACHADO, Guilherme; GONZÁLEZ-VÍLLORA, Sixto; TEOLDO, Israel. Contribution of deliberate practice, play, and futsal to the acquisition of decision-making skills in Brazilian professional female soccer players. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 22, n. 3, p. 756-774, 2024.

PETERS, Carrie M.; HENDRY, David T.; HODGES, Nicola J. A scoping review on developmental activities of girls' and women's sports. **Frontiers in Sports and Active Living**, v. 4, p. 903886, 2022.

PLATVOET, S. W.-J. et al. An early start at a professional soccer academy is no prerequisite for world cup soccer participation. **Frontiers in Sports and Active Living**, v. 5, 1283003, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3389/fspor.2023.1283003>.

UEDA, Lucas Shoití Carvalho et al. Impact of the number of players on the emergence of creative movements in small-sided soccer games: a systematic review emphasizing deliberate practice. **Frontiers in Psychology**, v. 14, p. 1253654, 2023.

UEHARA, L; BUTTON, C.; SAUNDERS, J.; ARAÚJO, D.; FALCOUS, M.; DAVIDS, K. Malandragem and Ginga: Sociocultural constraints on the development of expertise and skills in Brazilian football. **International Journal of Sports Science & Coaching**, c.16, n.3, p.622635, 2020.

ZHANG, M.; WANG, X. C.; SHAO, B. Predictors of persistent participation in youth sport: A systematic review and meta-analysis. **Frontiers in Psychology**, v. 13, 871936, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.871936>.

3 CONCLUSÃO

Essa dissertação investigou, a partir da construção e reunião de evidências de validade de um questionário e estudo original, analisar as experiências esportivas das jogadoras de futebol da região sul do Brasil. Desenvolvido à luz do DMSP e do PAF. As hipóteses iniciais eram: a) a fase de experimentação esportiva de jovens jogadoras é influenciada pela interação entre as engrenagens do PAF; b) as atletas de futebol vivenciam uma maior quantidade de jogo deliberado nos anos de experimentação esportiva; c) as atletas de futebol apresentam uma grande diversificação nos anos de experimentação esportiva.

O primeiro artigo se propôs a construir e reunir evidências de validade de um instrumento psicométrico que avalie a fase de experimentação esportiva de jovens jogadoras de futebol, fundamentado nas engrenagens do PAF. Para tanto, diferentes etapas foram realizadas para atestar a validade psicométrica do questionário. As evidências obtidas nos procedimentos de validade de face, validade de conteúdo, validade de constructo e da consistência interna dos itens indicaram que o questionário, composto por dezessete itens, apresentou validade psicométrica satisfatória para avaliar a fase de experimentação esportiva de jovens jogadoras de futebol. Permitindo assim, captar experiências acumuladas e influências contextuais, oferecendo uma compreensão mais abrangente e aprofundada do desenvolvimento das atletas ao longo do tempo.

Utilizando-se do instrumento o segundo estudo objetivou-se a caracterizar o contexto de prática nos anos iniciais de jovens jogadoras de futebol brasileiras e analisar a relação entre variáveis da trajetória esportiva e dimensões psicossociais à luz do PAF. Evidenciou-se que a diversidade de modalidades praticadas na infância esteve positivamente associada ao engajamento pessoal, observou-se que o avanço de idade esteve associado a maiores níveis de engajamento, sugerindo que a progressão nas categorias competitivas favorece maior identidade e envolvimento das atletas. Indicando que o desenvolvimento de jovens jogadoras deve ser compreendido como fruto da interação entre quantidade, diversidade e qualidade das experiências, reforçando a necessidade de ambientes formativos que valorizem tanto a prática multiesportiva quanto o suporte psicossocial.

Do ponto de vista aplicado, os achados desta dissertação sustentam recomendações diretas para programas de formação no futebol feminino. Aliado aos

elementos da formação esportiva a longo prazo, os resultados reforçam a importância de preservar oportunidades de diversificação esportiva durante a infância e o início da adolescência, evitando a especialização precoce como norma nos processos formativos. Adicionalmente, os achados indicam a necessidade de mapear e mitigar barreiras estruturais de acesso e permanência no futebol feminino, tais como custos financeiros, deslocamento, instabilidade de calendários competitivos e descontinuidade institucional, uma vez que o desenvolvimento esportivo das jogadoras se mostra altamente sensível às condições de oportunidade disponíveis.

Diante disso, estudos futuros devem priorizar delineamentos longitudinais e abordagens metodológicas integradas, combinando avaliações do ambiente de desenvolvimento, dados objetivos de participação esportiva e indicadores psicossociais ao longo do tempo. Investigações dessa natureza podem aprofundar a compreensão de como diferentes configurações do ecossistema clube–escola–família favorecem o processo de formação esportiva, bem como sustentam o engajamento, a permanência e o desenvolvimento saudável de meninas no futebol.

APÊNDICE A – Matriz Analítica

Dimensões		Questões	Item	Novo
Engajamento Pessoal	Esporte de Interesse	Motivação para prática do futebol/futsal nas aulas de Educação Física	1	1
		Motivação para prática do futebol/futsal nas ruas e parques	16	2
		Motivação para sessões de treino na escolinha de futebol/futsal	3	3
	Outras modalidades	Satisfação pessoal da prática de outras modalidades esportivas	17	4
		Interesse pela prática de outras modalidades esportivas	5	5
		Prática de outras modalidades esportivas	25	6
	Atividades Complementares	Prática de brincadeiras e jogos de rua	10,35	7,8
		Prática de jogos eletrônicos	28	9
Relações Interpessoais	Pais e familiares	Apoio dos pais à prática esportiva	27,36	10,11
		Apoio dos irmãos à prática esportiva	20	12
		Hábitos de prática esportiva no contexto familiar	31	13
	Treinadores e professores de Educação Física	Relacionamento com os treinadores	22	14
		Apoio dos treinadores à prática esportiva	6	15
		Relacionamento com os professores de Educação Física	23	16
	Colegas de Equipe	Apoio dos professores à prática esportiva	38	17
		Relacionamento com os colegas de equipe	11	18
		Apoio dos colegas à prática esportiva	14	19
	Dirigentes e árbitros	Relacionamento com os dirigentes de equipe	12	20
		Relacionamento com os árbitros	18	21
		Adaptações das dimensões do campo e da trave à prática do futebol	24	22
		Adaptações regulamentares (ações de jogo, jogadores, ...) nas competições de futebol	26	23
Contexto de Prática	Contexto Escolar	Atividades orientadas/supervisionadas por professores de Educação Física	8	24
		Ambientes acolhedores à prática esportiva	21,4	25,26
		Ambiente seguros e estruturados à prática esportiva	33	27
	Clube Esportivo	Atividades orientadas/supervisionadas por treinadores/monitores	7	28
		Ambientes acolhedores à prática esportiva	9	29
		Ambiente seguros e estruturados à prática esportiva	19	30
	Projetos Sociais	Atividades orientadas/supervisionadas por treinadores/monitores	29	31
		Ambientes acolhedores à prática esportiva	15	32
	Comunidade/Cidade	Investimento da comunidade no esporte	30	33
		Organização de festivais esportivos	32	34
		Valorização dos resultados competitivos	13,34	35,36
		Facilidades para deslocamentos aos locais de prática esportiva	2,37	37,38

APÊNDICE B – VERSÃO DO QEEF-FEM PARA O PROCESSO DE VALIADE DE CONTEÚDO.

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DOS ANOS DE DIVERSIFICAÇÃO ESPORTIVA

Prezada jogadora: queremos saber um pouco mais sobre a sua experiência esportiva no futebol e/ou no futsal quando você tinha entre **6 e 12 anos**. Responda às perguntas abaixo com base no que você viveu neste período. Não existem respostas certas ou erradas, para cada questão, leia a afirmação abaixo e marque a resposta que mais combina com você:

“Durante a minha infância...”

	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Sempre
1. Gostava de jogar futebol/futsal nas aulas de Educação Física	1	2	3	4	5
2. Os locais para jogar futebol/futsal eram próximos da minha casa	1	2	3	4	5
3. Gostava de jogar futebol/futsal em escolinhas	1	2	3	4	5
4. Jogava futebol/futsal nos intervalos das aulas e nos tempos livres	1	2	3	4	5
5. Tinha muito interesse em praticar outras modalidades esportivas além do futebol/futsal	1	2	3	4	5
6. Meus treinadores(as) me apoiavam a praticar esportes	1	2	3	4	5
7. Meus treinos de futebol no clube/escolinha eram supervisionados e orientados por treinadores(as) e/ou monitores(as)	1	2	3	4	5
8. Minhas atividades esportivas na escola eram supervisionadas e orientadas por professores(as)	1	2	3	4	5
9. Os ambientes dos clubes de futebol/futsal que participei eram acolhedores	1	2	3	4	5
10. Vivenciei o esporte na rua	1	2	3	4	5
11. A minha relação com as minhas colegas de equipe era positiva	1	2	3	4	5
12. A minha relação com os diretores das equipes em que participei era positiva	1	2	3	4	5
13. Os resultados nas competições eram importantes para a tranquilidade no ambiente do meu clube/escolinha	1	2	3	4	5
14. A relação com as minhas colegas de equipe era de companheirismo	1	2	3	4	5
15. Os ambientes dos projetos sociais voltados ao futebol eram acolhedores	1	2	3	4	5
16. Gostava de jogar futebol/futsal nas ruas e parques	1	2	3	4	5
17. Gostava de praticar outras modalidades esportivas	1	2	3	4	5
18. Os árbitros eram pacientes e explicavam as regras do jogo	1	2	3	4	5
19. Os clubes que participei proporcionavam um ambiente seguro e bem estruturado de prática esportiva, com bolas novas, uniformes, água e vestiários	1	2	3	4	5
20. Meus irmão e/ou irmãs me apoiavam a jogar futebol/futsal	1	2	3	4	5
21. Os ambientes escolares de prática esportiva eram acolhedores	1	2	3	4	5
22. Os ambientes de prática esportiva, como quadras e campos, eram ruins e de difícil acesso	1	2	3	4	5
23. Eu praticava outras modalidades esportivas além do futebol/futsal	1	2	3	4	5
24. Eu e minhas colegas éramos ouvidas pelos nossos treinadores(as)	1	2	3	4	5

25.	Tinha ótima relação com os meus professores(as) de Educação Física na escola	1	2	3	4	5
26.	Os campeonatos que participei adaptavam o tamanho do campo e das traves para a minha idade	1	2	3	4	5
27.	Praticar outras modalidades esportivas me gerava mais interesse pelo futebol	1	2	3	4	5
28.	Praticar outras modalidades esportivas me gerava mais interesse pelo futsal	1	2	3	4	5
29.	Meus professores(as) de Educação Física me apoiavam a prática esportiva	1	2	3	4	5
30.	Os campeonatos que participei adaptavam o número de jogadoras e as regras de jogo para a minha idade	1	2	3	4	5
31.	Meus pais me apoiavam a jogar futebol/futsal	1	2	3	4	5
32.	Meu papel dentro das equipes em que participei era claramente definido pelos treinadores e professores	1	2	3	4	5
33.	Os projetos sociais voltados ao futebol/futsal proporcionavam um ambiente seguro e bem estruturado de prática esportiva, com bolas novas, uniformes, água e vestiários	1	2	3	4	5
34.	Participei de projetos sociais voltados ao futebol/futsal feminino que eram supervisionadas e orientadas por treinadores(as) e/ou monitores (as)	1	2	3	4	5
35.	Eu sentia que a minha comunidade incentivava que meninas praticassem esportes	1	2	3	4	5
36.	A prática de jogos eletrônicos era frequente	1	2	3	4	5
37.	A prática esportiva sempre fez parte do meu contexto familiar	1	2	3	4	5
38.	A prática esportiva eram o principal meio de diversão na minha cidade	1	2	3	4	5
39.	A prática de jogos de tabuleiro era frequente	1	2	3	4	5
40.	As escolas onde estudei proporcionavam um ambiente seguro e bem estruturado de prática esportiva, com bolas novas, uniformes, água e vestiários	1	2	3	4	5
41.	O futebol feminino era valorizado na minha cidade	1	2	3	4	5
42.	Eu experimentei diversos jogos e brincadeiras na rua	1	2	3	4	5
43.	Meus pais me apoiavam a praticar esportes	1	2	3	4	5
44.	Chegar até o local de treinamentos de futebol e/ou futsal era difícil, pois havia violência ao longo do caminho	1	2	3	4	5
45.	As meninas eram ouvidas nas aulas de Educação Física na escola	1	2	3	4	5

APÊNDICE C – VERSÃO DO QEEF-FEM PARA O PROCESSO DE VALIADE DE CONSTRUCTO.

	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Sempre
1. Gostava de jogar futebol/futsal nas aulas de Educação Física.	1	2	3	4	5
2. Os locais para jogar futebol/futsal eram próximos da minha casa.	1	2	3	4	5
3. Eu me sentia animada quando jogava futebol/futsal na escola.	1	2	3	4	5
4. Gostava de jogar futebol/futsal nos intervalos das aulas e nos tempos livres na escola.	1	2	3	4	5
5. Tinha muito interesse em praticar outras modalidades esportivas além do futebol/futsal.	1	2	3	4	5
6. Meus professores(as) de Educação Física me apoiaram a praticar esportes.	1	2	3	4	5
7. Havia(m) treinadores(as) e monitores(as) para me orientar no clube/escolinha.	1	2	3	4	5
8. Minhas atividades esportivas na escola eram supervisionadas e orientadas por professores(as).	1	2	3	4	5
9. Os ambientes dos clubes de futebol/futsal dos quais participei eram agradáveis.	1	2	3	4	5
10. Pratiquei futebol com meus amigos(as) na rua.	1	2	3	4	5
11. Havia união e companheirismo entre mim e minhas colegas de equipe.	1	2	3	4	5
12. Os diretores das equipes que participei eram cordiais e simpáticos.	1	2	3	4	5
13. Os resultados nas competições eram importantes para a tranquilidade no ambiente do meu clube/escolinha.	1	2	3	4	5
14. A relação com as minhas colegas de equipe era de apoio.	1	2	3	4	5
15. Os ambientes dos projetos sociais voltados ao futebol/futsal eram acolhedores.	1	2	3	4	5
16. Gostava de jogar futebol/futsal com outras crianças, sem a presença de professores(as).	1	2	3	4	5
17. Gostava de praticar outras modalidades esportivas.	1	2	3	4	5
18. Tínhamos uma boa relação com os árbitros durante os jogos.	1	2	3	4	5
19. Os clubes que participei proporcionaram um ambiente seguro e bem estruturado de prática esportiva, com bolas novas, uniformes, água e vestiários.	1	2	3	4	5
20. Meus irmãos e/ou irmãs me apoiavam a jogar futebol/futsal.	1	2	3	4	5
21. Os ambientes escolares de prática esportiva eram acolhedores.	1	2	3	4	5
22. Minhas colegas e eu tínhamos uma boa comunicação com os treinadores(as) e professores(as).	1	2	3	4	5
23. Tinha ótima relação com os meus professores(as) de Educação Física na escola.	1	2	3	4	5
24. Os campeonatos dos quais participei adaptaram o tamanho do campo e das traves para a minha idade.	1	2	3	4	5
25. Praticar outras modalidades esportivas me gerava mais interesse pelo futebol/futsal.	1	2	3	4	5
26. Os campeonatos que participei adaptavam as regras de jogo para a minha idade.	1	2	3	4	5
27. Meus pais me apoiaram a jogar futebol/futsal.	1	2	3	4	5

28.	Os jogos eletrônicos foram meu principal meio de diversão.	1	2	3	4	5
29.	Particpei de projetos sociais voltados ao futebol/futsal feminino que eram supervisionados e orientados por treinadores(as) e/ou monitores (as).	1	2	3	4	5
30.	Eu sentia que a minha comunidade incentivava que meninas praticassem esportes.	1	2	3	4	5
31.	A prática esportiva sempre fez parte do meu contexto familiar.	1	2	3	4	5
32.	A prática esportiva era o principal meio de lazer na minha cidade.	1	2	3	4	5
33.	As escolas onde estudei proporcionaram um ambiente seguro e bem estruturado de prática esportiva, com bolas novas, uniformes, água e vestiários.	1	2	3	4	5
34.	O futebol/futsal feminino era valorizado na minha cidade.	1	2	3	4	5
35.	Eu experimentei diversos jogos e brincadeiras na rua.	1	2	3	4	5
36.	Meus pais me apoiaram a praticar esportes.	1	2	3	4	5
37.	Chegar ao local de treinamentos de futebol e/ou futsal era difícil devido à violência ao longo do caminho.	1	2	3	4	5
38.	As meninas eram ouvidas nas aulas de Educação Física na escola.	1	2	3	4	5

APÊNDICE D – VERSÃO FINAL DO QEEF-FEM

Questionário de Avaliação dos Anos de Experimentação Esportiva

Nome completo: _____

Data Nasc.: ____/____/____ Data da Avaliação.: ____/____/____

Cidade de nascimento: _____

Cidade(s) que morou dos 6 aos 12 anos: _____

Cidade que mora atualmente: _____

Posição de jogo atual: _____

Clube atual (afiliação): _____

Indique a idade que você começou a treinar futebol/futsal: _____

Indique a idade que começou a disputar competições de futebol/futsal: _____

Tempo de experiência praticando futebol/futsal: _____

Indique com um (X) as modalidades que praticou dos 6 aos 12 anos:

Futebol	Handebol	Basquetebol	Voleibol	Futsal	Boxe	Capoeira

Natação	Judô	Rugby	Skate	Surf	Corrida	Não pratiquei

() Outra. Qual?

Questionário de Experiências Esportiva no Futebol Feminino (QEEF-Fem)

Prezada jogadora: queremos saber um pouco mais sobre a sua experiência esportiva no futebol e/ou no futsal quando você tinha entre **6 e 12 anos**. Responda às perguntas abaixo com base no que você viveu neste período. Não existem respostas certas ou erradas, para cada questão, leia a afirmação abaixo e marque a resposta que mais combina com você:

“DURANTE A MINHA INFÂNCIA... (dos 6 aos 12 anos)”

	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Sempre
1. Praticar outras modalidades esportivas me gerava mais interesse pelo futebol/futsal.	1	2	3	4	5
2. Meus professores(as) de Educação Física me apoiaram a praticar esportes.	1	2	3	4	5
3. Gostava de jogar futebol/futsal com outras crianças, sem a presença de professores(as).	1	2	3	4	5
4. Meus pais me apoiaram a praticar esportes.	1	2	3	4	5
5. Tínhamos uma boa relação com os árbitros durante os jogos.	1	2	3	4	5
6. Pratiquei futebol com meus amigos(as) na rua.	1	2	3	4	5
7. Os clubes que participei proporcionaram um ambiente seguro e bem estruturado de prática esportiva, com bolas novas, uniformes, água e vestiários	1	2	3	4	5
8. Meus irmãos e/ou irmãs me apoiavam a jogar futebol/futsal.	1	2	3	4	5
9. Tinha muito interesse em praticar outras modalidades esportivas além do futebol/futsal.	1	2	3	4	5
10. Os campeonatos que participei adaptavam as regras de jogo para a minha idade.	1	2	3	4	5
11. Eu experimentei diversos jogos e brincadeiras na rua.	1	2	3	4	5
12. Os campeonatos dos quais participei adaptaram o tamanho do campo e das traves para a minha idade.	1	2	3	4	5
13. Meus pais me apoiaram a jogar futebol/futsal.	1	2	3	4	5
14. Os ambientes dos projetos sociais voltados ao futebol/futsal eram acolhedores.	1	2	3	4	5
15. Tinha ótima relação com os meus professores(as) de Educação Física na escola.	1	2	3	4	5
16. O futebol/futsal feminino era valorizado na minha cidade.	1	2	3	4	5
17. Os ambientes escolares de prática esportiva eram acolhedores.	1	2	3	4	5

APÊNDICE E – CARTA CONVITE E O MODELO DE FICHA DE AVALIAÇÃO DO QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
DISCENTE: JULIO CESAR DA SILVA BISPO

Prezado Especialista,

Venho solicitar a V. Sa. que realize a avaliação do conteúdo do instrumento de pesquisa a seguir, do tipo questionário. Esse instrumento tem como objetivo compreender a participação esportiva na infância (6 aos 12 anos) das atletas de futebol feminino no Brasil, valendo-se dos elementos dinâmicos do Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP) de Côté et al. (2020), o qual tem como premissa a perspectiva Ecológica de desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (2005). Deste modo, o questionário contempla três dimensões: Engajamento Pessoal, que retrata a relação das jogadoras com o futebol enquanto esporte de interesse, assim como sua relação com outras práticas, deste modo possibilitando o desenvolvimento de competências para outras áreas da vida; Relações Interpessoais, que refere-se às relações construídas e experienciadas com suas colegas de equipe, treinadores, professores de Educação Física no ambiente escolar, assim como a relação dos pais e expectadores nos ambientes de pratica; Contextos de Prática, que caracteriza-se enquanto aos contextos de práticas das jogadoras, como os ambientes de práticas esportivas e suas vivências no esporte.

O instrumento será aplicado em **jogadoras brasileiras de futebol**, com idade entre **13 e 17 anos**. Deste modo, buscamos por meio deste convite cumprir algumas etapas do processo de validação de conteúdo, sendo elas: a) Validação de Clareza: Avaliar se o instrumento apresenta uma comunicação precisa e compreensível ao público alvo; b) Pertinência Prática: Avaliar se o instrumento é provido da capacidade de colher informações sobre determinada fase da formação esportiva das jogadoras; c) Relevância Teórica: Avaliar se o instrumento detém suporte conceitual e científico para sua aplicação.

Ciente da vossa colaboração, agradeço antecipadamente.

1. (QUESTÃO PARA AVALIAÇÃO)

Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Sempre
1	2	3	4	5

Critérios	Avaliação				
	1	2	3	4	5
Clareza de Linguagem					
Pertinência Prática					
Relevância Teórica					

Sugestões:

APÊNDICE F – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Título do Projeto: Estudo dos anos de diversificação esportiva de jovens futebolistas

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa cujo objetivo é compreender como tem ocorrido a iniciação esportiva de jovens futebolistas brasileiros. Esta pesquisa está sendo realizada pelo Mestrando Julio Cesar da Silva Bispo do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFSC, coordenada pelo Prof. Dr. Paulo Henrique Borges (CDS/UFSC), que se compromete a seguir a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012 e suas complementares.

Se você aceitar participar da pesquisa, os procedimentos envolvidos em sua participação são os seguintes: I) preenchimento de questionário para avaliar a sua trajetória esportiva dos 6 aos 12 anos; II) participação em um jogo para filmagem. O local das coletas será o seu local de treinamentos. O questionário será preenchido em aproximadamente 20 minutos, enquanto o jogo será jogado durante 2 períodos de 4 minutos cada (total de 8 minutos de jogo). As suas ações táticas e técnicas em jogo serão filmadas para posterior análise.

Os possíveis riscos ou desconfortos decorrentes da sua participação na pesquisa são aqueles referentes ao cansaço e dano muscular (microlesões) em decorrência das atividades e jogos. Contudo, devido às características da modalidade futebol, o cansaço que você sentirá será semelhante àquele que já sente durante a prática deste esporte. Como as avaliações utilizadas neste estudo serão específicas para jogadores de futebol, as possíveis frustrações que você sentirá em relação aos resultados serão semelhantes àquelas que você vivencia normalmente no esporte em que alterna bons e maus resultados. Pode haver desconforto com o tempo de resposta do questionário. De modo a minimizar ou evitar tais riscos e/ou desconfortos, serão tomadas as seguintes medidas preventivas: será garantido o anonimato e sigilo das informações obtidas, *assistência médica em caso de efeitos adversos e acolhimento frente à mobilização emocional*. A quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional deve ser considerada. Contudo, pretendemos garantir a manutenção do sigilo e da privacidade da sua participação durante todas as fases desta pesquisa, por meio da anonimização dos dados.

Os possíveis benefícios decorrentes da sua participação na pesquisa são aqueles referentes às informações obtidas, que poderão ser utilizadas pelos

profissionais para monitorar e ajustar as atividades de treino visando aperfeiçoar o seu desempenho esportivo. Os resultados decorrentes dessa pesquisa poderão ajudar na criação de novas estratégias de treinamento específico para jovens jogadores de futebol durante a adolescência.

Quanto ao acompanhamento e assistência, esclarecemos que você receberá um relatório contendo todas as suas informações, bem como os profissionais envolvidos com o seu aprendizado.

Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso você decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento, não haverá nenhum prejuízo ao atendimento que você recebe ou possa vir a receber na instituição.

Não está previsto nenhum tipo de pagamento pela sua participação na pesquisa e você não terá nenhum custo com os procedimentos envolvidos, porém, poderá ser ressarcido por despesas decorrentes de sua participação, como despesas de transporte e alimentação e passagem de ônibus, cujos custos serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

Caso ocorra alguma intercorrência ou dano, resultante de sua participação na pesquisa, você receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal. Além disso, você tem garantido o direito a solicitar indenização.

Os dados coletados durante a pesquisa serão sempre tratados confidencialmente. Os resultados serão apresentados de forma conjunta, sem a identificação dos participantes, ou seja, o seu nome não aparecerá na publicação dos resultados.

Caso você tenha dúvidas, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Paulo Henrique Borges, pelo telefone 48 99103-3557, ou no Centro de Desportos da UFSC (sala 206, campus Trindade, Florianópolis-SC), ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC), pelo telefone (48) 3721-6094, Email: cep.propesq@contato.ufsc.br ou no Prédio Reitoria II, na rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/SC CEP 88.040-400, de segunda à sexta, das 8h às 12h e das 14h às 18h.

Esse Termo deve ser rubricado em todas as suas páginas e assinado em duas vias, sendo uma para o participante e outra para os pesquisadores.

Eu, ...autorizo minha filha
.....a participar de todas as
atividades propostas e descritas no presente documento.

[() Concordo com o registro da minha voz e/ou imagem.]

[() Não concordo com o registro da minha voz e/ou imagem.]

Nome do responsável legal

Assinatura do responsável legal

Nome do participante da pesquisa

Assinatura do participante da pesquisa

Nome do pesquisador

Assinatura do pesquisador

Nome do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador responsável

Local e Data: _____

APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: Estudo dos anos de diversificação esportiva de jovens futebolistas

Senhores pais e/ou responsáveis. Estamos convidando o seu filho/a para participar de uma pesquisa cujo objetivo é compreender como tem ocorrido a iniciação esportiva de jovens futebolistas brasileiros. Esta pesquisa está sendo realizada pelo Mestrando Julio Cesar da Silva Bispo do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFSC, coordenada pelo Prof. Dr. Paulo Henrique Borges (CDS/UFSC), que se compromete a seguir a Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012 e suas complementares.

Se você autorizar o seu filho/a a participar da pesquisa, os procedimentos envolvidos são os seguintes: I) preenchimento de questionário para avaliar a sua trajetória esportiva dos 6 aos 12 anos; II) participação em um jogo para filmagem. O local das coletas será o local de treinamentos do seu filho/a. O questionário será preenchido em aproximadamente 20 minutos, enquanto o jogo será jogado durante 2 períodos de 4 minutos cada (total de 8 minutos de jogo). As ações táticas e técnicas de seu filho/a realizadas em jogo serão filmadas para posterior análise.

Os possíveis riscos ou desconfortos decorrentes da participação de seu filho/a na pesquisa são aqueles referentes ao cansaço e dano muscular (microlesões) em decorrência das atividades e jogos. Contudo, devido às características da modalidade futebol, o cansaço que ele/ela sentirá será semelhante àquele que já sente durante a prática deste esporte. Como as avaliações utilizadas neste estudo serão específicas para jogadores de futebol, as possíveis frustrações que seu filho/a sentirá em relação aos resultados serão semelhantes àquelas que ele/a vivencia normalmente no esporte em que alterna bons e maus resultados. Pode haver desconforto com o tempo de resposta do questionário. De modo a minimizar ou evitar tais riscos e/ou desconfortos, serão tomadas as seguintes medidas preventivas: será garantido o anonimato e sigilo das informações obtidas, *assistência médica em caso de efeitos adversos e acolhimento frente à mobilização emocional*. A quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional deve ser considerada. Contudo, pretendemos garantir a manutenção do sigilo e da privacidade da participação de seu filho/a durante todas as fases desta pesquisa, por meio da anonimização dos dados.

Os possíveis benefícios decorrentes da participação de seu filho/a na pesquisa são aqueles referentes às informações obtidas, que poderão ser utilizadas pelos profissionais para monitorar e ajustar as atividades de treino visando aperfeiçoar o seu desempenho esportivo. Os resultados decorrentes dessa pesquisa poderão ajudar na criação de novas estratégias de treinamento específico para jovens jogadores de futebol durante a adolescência.

Quanto ao acompanhamento e assistência, esclarecemos que seu filho/a receberá um relatório contendo todas as suas informações, bem como os profissionais envolvidos com o seu aprendizado.

A participação de seu filho/a na pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso ele/a decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento, não haverá nenhum prejuízo ao atendimento que ele/a recebe ou possa vir a receber na UFSC.

Não está previsto nenhum tipo de pagamento pela participação de seu filho/a na pesquisa e vocês não terão custos com os procedimentos envolvidos, porém, poderá ser ressarcido por despesas decorrentes de participação de seu filho/a, como despesas de transporte e alimentação e passagem de ônibus, cujos custos serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

Caso ocorra alguma intercorrência ou dano, resultante de participação na pesquisa, o participante receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal. Além disso, vocês têm garantido o direito a solicitar indenização.

Os dados coletados durante a pesquisa serão sempre tratados confidencialmente. Os resultados serão apresentados de forma conjunta, sem a identificação dos participantes, ou seja, o nome de seu filho/a não aparecerá na publicação dos resultados.

Caso você tenha dúvidas, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Paulo Henrique Borges, pelo telefone 48 99103-3557, ou no Centro de Desportos da UFSC (sala 206, campus Trindade, Florianópolis-SC), ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC), pelo telefone (48) 3721-6094, e-mail cep.propesq@contato.ufsc.br ou no prédio da Reitoria II na rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/SC CEP 88.040-400, de segunda à sexta, das 8h às 12h e das 14h às 18h.

Esse Termo deve ser rubricado em todas as suas páginas e assinado em duas vias, sendo uma para o participante e outra para os pesquisadores.

Eu, ...autorizo minha
filha a participar de todas as
atividades propostas e descritas no presente documento.

[() Concordo com o registro da voz e/ou imagem de meu filho/a.]

[() Não concordo com o registro da voz e/ou imagem de meu filho/a.]

Nome do responsável legal

Assinatura do responsável legal

Nome do participante da pesquisa

Assinatura do participante da pesquisa

Nome do pesquisador

Assinatura do pesquisador

Nome do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador responsável

Local e Data: _____

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Estudo dos anos de diversificação esportiva em jovens futebolistas brasileiros

Pesquisador: Paulo Henrique Borges

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 87026425.0.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.517.417

Apresentação do Projeto:

Estudo dos anos de diversificação esportiva em jovens futebolistas brasileiros

Resumo: O objetivo geral deste projeto será analisar a trajetória esportiva das jogadoras de futebol do estado de Santa Catarina, bem como os contextos de prática durante a infância e adolescência. Para responder aos objetivos deste projeto, será construído, validado e em posteriori aplicado o questionário de avaliação do desenvolvimento da participação esportiva de atletas de futebol. Buscando obter as seguintes informações: I) Idade em que as participantes começaram a praticar futebol; II) idade de início na prática supervisionada de futebol; III) Idade que começou a disputar competições; IV) Modalidades praticadas na infância; V) Engajamento Pessoal em Atividades; VII) Relações Interpessoais; VIII) Contexto de Prática. O comportamento criativo e exploratório será mensurado a partir do método notacional computadorizada se valendo do software Lince. Para quantificar as ações criativas será utilizada a matriz observacional Creative Behavior Assessment in Team Sports (CBATS). A utilização deste instrumento possibilita observar os quatro componentes da criatividade: i) Tentativa; ii) Fluência; iii) Versatilidade; iv) Originalidade. Os componentes as diferenciam pelo seu desfecho, deste modo as ações malsucedidas se caracterizam enquanto tentativa, enquanto as ações bem-sucedidas sendo caracterizadas como fluência, versatilidade ou originalidade. Para todas as análises, será empregado o software SPSS 29.0, com nível de

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

significância em 5%.

Objetivo da Pesquisa:

Artigo 1: Construção e validação de instrumento para compreender a fase de experimentação esportiva de atletas de futebol.

Objetivo Geral: Construir e validar um instrumento de avaliação para compreender a fase de experimentação esportiva de jovens futebolistas.

Artigo 2 (Artigo original): Papel do engajamento esportivo na infância sobre o comportamento exploratório de jogadoras de futebol: uma análise retrospectiva baseada na psicologia ecológica.

Objetivo Geral: Compreender o impacto dos tipos de atividades realizadas durante a infância e adolescência sobre o comportamento exploratório.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I) Construir e validar questionário de avaliação da fase de experimentação esportiva de atletas de futebol feminino;
- II) Descrever o envolvimento dos tipos e quantidades de atividades do futebol durante a infância e adolescência;
- III) Relacionar o impacto dos tipos de atividades esportivas durante a infância e adolescência sobre o comportamento exploratório e criatividade atual.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os possíveis riscos ou desconfortos decorrentes da participação na pesquisa são aqueles referentes ao cansaço e dano muscular (microlesões) em decorrência das atividades e jogos. Contudo, devido às características da modalidade futebol, o cansaço que você sentirá será semelhante àquele que já sente durante a prática deste esporte. Como as avaliações utilizadas neste estudo serão específicas para jogadores de futebol, as possíveis frustrações que você sentirá em relação aos resultados serão semelhantes àquelas que você vivencia normalmente no esporte em que alterna bons e maus resultados. Pode haver desconforto com o tempo de resposta do questionário. De modo a minimizar ou evitar tais riscos e/ou

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

desconfortos, serão tomadas as seguintes medidas preventivas: será garantido o anonimato e sigilo das informações obtidas, assistência médica em caso de efeitos adversos e acolhimento frente à mobilização emocional. A quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional deve ser considerada. Contudo, pretendemos garantir a manutenção do sigilo e da privacidade da sua participação durante todas as fases desta pesquisa, por meio da anonimização dos dados.

Benefícios: Os possíveis benefícios decorrentes da sua participação na pesquisa são aqueles referentes às informações obtidas, que poderão ser utilizadas pelos profissionais para monitorar e ajustar as atividades de treino visando aperfeiçoar o seu desempenho esportivo. Os resultados decorrentes dessa pesquisa poderão ajudar na criação de novas estratégias de treinamento específico para jovens jogadores de futebol durante a adolescência.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta pertinência, fundamentação bibliográfica e uma vez obtido os dados conclusivos proporcionará uma visão mais abrangente sobre o tema proposto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Documentos de acordo com a legislação vigente.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foram realizadas alterações no TCLE, TALE e apresentado Termo de Anuência Institucional (Federação do estado de SC) não havendo óbices a realização da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2512523.pdf	14/04/2025 15:07:49		Aceito
Outros	resposta.pdf	14/04/2025	Paulo Henrique	Aceito

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 7.517.417

Outros	resposta.pdf	15:07:36	Borges	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	FCF.pdf	14/04/2025 15:00:31	Paulo Henrique Borges	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEnovo.pdf	14/04/2025 14:59:48	Paulo Henrique Borges	Aceito
Outros	TALEnovo.pdf	14/04/2025 14:59:30	Paulo Henrique Borges	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	14/03/2025 11:03:12	Paulo Henrique Borges	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ppp.pdf	07/03/2025 15:27:20	Paulo Henrique Borges	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	07/03/2025 14:25:28	Paulo Henrique Borges	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 22 de Abril de 2025

Assinado por:
Sharbel Weidner Maluf
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br